



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
Campus Universitário "Ministro Petrônio Portela" – Bairro Ininga
CEP 64.049-550 – Teresina - PI
Telefone: (86) 3237-1134; E-mail: mee@ufpi.edu.br



ROBERTO FREITAS DOS SANTOS

LINGUAGEM E DIÁLOGO EM GADAMER: UM ESTUDO A PARTIR DE *VERDADE E MÉTODO*

TERESINA

2021

ROBERTO FREITAS DOS SANTOS

**LINGUAGEM E DIÁLOGO EM GADAMER: UM ESTUDO A PARTIR DE
*VERDADE E MÉTODO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia, em nível de Mestrado Acadêmico, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Linguagem, Conhecimento e mundo.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista

TERESINA

2021

ROBERTO FREITAS DOS SANTOS

LINGUAGEM E DIÁLOGO EM GADAMER: UM ESTUDO A PARTIR DE *VERDADE E
MÉTODO*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia, em nível de Mestrado Acadêmico, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Filosofia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista (Orientador)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Prof. Dr. José Vanderlei Carneiro
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Prof. Dr. Almir Ferreira da Silva Junior
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processos Técnicos

S237L Santos, Roberto Freitas dos.
Linguagem e diálogo em Gadamer : um estudo a partir de
Verdade e Método / Roberto Freitas dos Santos. -- 2021.
74 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro
de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em
Filosofia, Teresina, 2021.

“Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista.”

1. Hermenêutica (Filosofia). 2. Compreensão. 3. Diálogo.
4. Linguagem. 5. Gadamer, Hans-Georg, 1900-2002. I. Batista,
Gustavo Silvano. II. Título.

CDD 121.686

Aos meus pais, Maria Freitas dos Santos e Raimundo Pereira dos Santos, por todos os ensinamentos através de gestos e palavras, e também por sempre me fazerem perceber que a educação é uma das mais belas formas de transformação do ser humano para vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus Pai que é todo poderoso e Criador de tudo que existe sobre a face da terra, que me deu o dom da vida e me ajuda a superar todos os meus obstáculos enquanto ser humano.

Gratidão a minha mãe Maria Freitas dos Santos e ao meu pai Raimundo Pereira dos Santos por me darem forças nos momentos de dificuldades, e por serem suporte sempre quando preciso.

Ressalto a importância dos meus irmãos Patrícia Freitas, Polyanna Freitas, Maria da Conceição Freitas e Renato Freitas, por fazerem parte da minha história de vida. Agradeço também à minha cunhada Jaqueline Braga, Tia Isabel, Tia Tonha, aos meus sobrinhos, e a todos os demais familiares.

Ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, ao corpo docente que compõem o PPGFIL, de modo especial aos professores Dr. Josivan, Dr. Elielton, Dra. Edna, Dra. Zoraida, e a todos os demais que somam com esse programa (professores, colegas discentes). Ressalto os amigos da 16ª Turma do Mestrado, principalmente a Antônia e o Handerson, pois durante esse período (principalmente de pandemia), partilhamos desse processo de escrita da Dissertação, e ambos me deram muito incentivo.

Ao meu orientador e excelente ser humano, Prof^o Dr. Gustavo Silvano Batista, por me orientar nesta pesquisa e ter muita paciência comigo. Aos examinadores que me acompanharam desde a qualificação; Prof^o Dr. Luiz Rohden e Prof^o Dr. José Vanderlei Carneiro, que se disponibilizaram a ler o trabalho e somarem com o desenvolvimento da pesquisa, e também ao Prof^o Dr. Almir Ferreira da Silva Junior, que examinou a dissertação na defesa.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa com a concessão da bolsa de estudos, e por continuar acreditando que é possível fazer ciência mesmo em meio a todas as adversidades.

Aos meus amigos que muito escutaram e me incentivaram durante esse período do Mestrado: Carlos Fernando, Pe. Admilson, Werb Pinheiro, Italo Melo, Anny Karoline, Marinete Santos, Daniele Duarte, Bruno Pimenta, Gemerson, Alex Oliveira, Emerson Araújo, Nilde, Marina. Ao João Batista e Pe. Sérgio, por me acolherem em Timon durante o processo de seleção do Mestrado. E a todos que contribuíram direta ou indiretamente.

Enfim, acredito que este pequeno pedaço de papel não seja suficiente para expressar o tamanho da minha gratidão, mas penso que tudo que sou e que tenho devo primeiramente a Deus, de onde tudo emana.

A linguagem abre uma dimensão completamente nova, uma dimensão de profundidade a partir da qual a tradição alcança os que vivem no presente.

Hans-Georg Gadamer

Interpretar é pois dizer em linguagem que se entende aquilo que uma pessoa disse numa linguagem que não se entende.

Rubem Alves

SANTOS, Roberto Freitas dos. *Linguagem e diálogo em Gadamer: um estudo a partir de Verdade e Método*. 2021. 74 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2021.

RESUMO

O trabalho *Linguagem e Diálogo em Gadamer: um estudo a partir de Verdade e Método*, tem como objetivo estudar sobre a relação entre linguagem e diálogo a partir do pensamento filosófico hermenêutico de Hans-Georg Gadamer (1900-2002), tendo como base a abordagem que o autor realiza em *Verdade e Método* (1960), sobretudo, a partir da sua terceira parte. Nesse percurso, levaremos em consideração que a linguagem e o diálogo estão imbricados entre si, e possuem caráter de relação fundamental para o fenômeno da hermenêutica filosófica, uma vez que a linguagem e o diálogo lidam diretamente com o evento da interpretação/compreensão. Com isso em mente apresentaremos os conceitos gadameriano, como experiência hermenêutica, preconceitos, fusão de horizontes, linguisticidade, que serão imprescindíveis para a discussão da pesquisa, no que se refere à tematização da tradição da hermenêutica filosófica. Dessa forma, caracterizaremos a importância desses conceitos para a interpretação/compreensão da linguagem falada e escrita. Por fim, trataremos da linguisticidade dialógica enquanto fenômeno que acontece através da hermenêutica, e que é indispensável para o modo de ser do ser humano.

Palavras-chave: Compreensão. Diálogo. Gadamer. Hermenêutica. Linguagem.

SANTOS, Roberto Freitas dos. *Language and dialogue in Gadamer: a study based on Truth and Method*. 2021. 74 f. Dissertation (Masters in Philosophy) – Federal University of Piauí – UFPI, Teresina, 2021.

ABSTRACT

The work *Language and Dialogue in Gadamer: a study from Truth and Method*, aims to study the relationship between language and dialogue from the philosophical hermeneutic thought of Hans-Georg Gadamer (1900-2002), based on the approach that the author performs in *Truth and Method* (1960), especially from its third part. In this journey, we will take into account that language and dialogue are intertwined, and that they have character of a fundamental relationship for the phenomenon of philosophical hermeneutics, since language and dialogue deal directly with the event of interpretation/understanding. With this in mind, we will present the Gadamerian concepts, such as hermeneutic experience, prejudices, fusion of horizons, and linguisticity, which will be essential for the discussion of the research, regarding the thematization of the tradition of philosophical hermeneutics. In this way, we will feature the importance of these concepts for the comprehension/understanding of spoken and written language. Finally, we will deal with dialogic linguisticity as a phenomenon that happens through hermeneutics, and that is indispensable for the way of being of the human being.

Keywords: Understanding. Dialogue. Gadamer. Hermeneutics. Language.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A PERGUNTA PELA LINGUAGEM NO HORIZONTE DA HERMENÊUTICA GADAMERIANA	13
2.1 Hermenêutica, linguagem e interpretação	14
2.2 Círculo hermenêutico, preconceito e fusão dos horizontes	25
3. LINGUAGEM FALADA E ESCRITA	36
3.1 O caráter dialógico da linguagem: entre a linguagem falada e escrita.....	37
3.2 Ontologia hermenêutica da linguagem enquanto compreensão	47
4 LINGUISTICIDADE (SPRACHLICHKEIT) DIALÓGICA: UMA PROPOSTA HERMENÊUTICA	55
4.1 Linguagem e diálogo enquanto <i>práxis</i> ontológica do ser humano	55
4.2 A linguagem empregada a partir da <i>práxis</i> humana enquanto compreensão do mundo....	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

A linguagem (*Sprache*) é *medium* pelo qual o ser humano se constitui enquanto modo de ser, e o diálogo (*Dialog*) é o meio que o homem utiliza para se comunicar com os demais indivíduos que fazem parte do mundo. Ambos estão imbricados entre si, e são assuntos importantes trabalhados a partir da hermenêutica filosófica gadameriana. Sobretudo, a linguagem, que é o tema central que norteia a terceira parte de *Verdade e Método*. Assim, o autor alemão Hans-Georg Gadamer é considerado um dos maiores expoentes entre aquele que já se debruçaram em questões hermenêuticas.

Percebe-se, que o fio condutor da linguagem e do diálogo contribui para entender o projeto hermenêutico filosófico de Gadamer. Esse projeto filosófico surge a partir da tradição da hermenêutica, que serve como percurso no qual o evento da interpretação/compreensão acontece. Nessa perspectiva, o homem, enquanto ser dotado de linguagem, se manifesta comunicando-se com o mundo e todas as coisas que estão ao seu alcance.

Em vista disso, nota-se que a linguagem, enquanto modo de ser do homem, nos propõe a repensar como devemos buscar interpretar/compreender as coisas, do modo como elas estão estabelecidas no mundo. Provavelmente, a hermenêutica filosófica gadameriana nos possibilite entender o real sentido que a linguagem tem para a compreensão (*Verstehen*) da vida humana e como o ser se relaciona com o mundo.

Assim, é perceptível que a linguagem e o diálogo perpassam pela ontologia universal, na qual o homem, ou se estabelece no mundo, no contato com tudo aquilo que pode, e se coloca a perceber, interpretar, compreender, se comunicar, e a fazer tudo aquilo que a linguagem lhe proporcionar.

Nessa perspectiva, esta pesquisa tem como escopo investigar, a partir do pensamento filosófico hermenêutico gadameriano, a importância que a linguagem e o diálogo têm como modo de ser do homem, e a relação deles com o fenômeno hermenêutico do evento da interpretação/compreensão.

Assim, portanto, a análise da principal obra de Gadamer, *Verdade e Método*, (2015) notadamente em sua terceira parte, nos favorecerá no desenvolvimento do trabalho, permitindo cotejar os seguintes comentadores: Luiz Rohden (2002), no livro, “*Hermenêutica Filosófica: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem*”, Jean Grondin (2012), em “*O Pensamento de Gadamer*”, Custódio Luís Silva de Almeida, Hans-Georg Flickinger, e Luiz Rohden (2000), em “*Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg*

Gadamer” e textos posteriores de outros autores, como Günter Figal, Chris Lawn, Viviane Araújo Pereira e Renata Ramos da Silva, que lidam com os temas da linguagem e do diálogo, buscando fazer uma reflexão sobre o projeto hermenêutico de Gadamer.

Por conseguinte, o ponto principal do nosso trabalho está pautado na seguinte questão: qual é a importância da relação entre linguagem e diálogo para a elucidação do interpretar/compreender enquanto modo de ser do homem à luz da hermenêutica filosófica, segundo Gadamer?

Para responder a esta questão, o desenvolvimento do trabalho se divide em três momentos, os quais nos leva a refletir sobre o projeto hermenêutico filosófico gadameriano. No primeiro momento, abordamos a pergunta pela linguagem a partir do horizonte da hermenêutica gadameriana, dessa maneira, trabalhando com o evento da compreensão e percebendo que ele acontece por meio da experiência (*Erfahrung*) hermenêutica que o homem faz com as coisas. Elucida-se, assim, a hermenêutica, a linguagem e a interpretação enquanto manifestações humanas.

Com efeito, discorre-se sobre a importância do círculo hermenêutico, que nos leva a perceber que a parte é compreendida através do todo e o todo é compreendido por meio de cada parte estabelecida. Também é possível que a interpretação/compreensão aconteça porque o preconceito nos ajuda a entender que o fenômeno da linguagem é um dos caminhos pelo qual o homem se manifesta enquanto ser de comunicação.

Nesse mesmo percurso da linguagem, nota-se que a fusão dos horizontes nos leva a entender que o horizonte do intérprete acontece porque a compreensão está relacionada diretamente com o passado e o presente. O intérprete constantemente se remete ao que aconteceu no passado e interpretá-lo na contemporaneidade. Nesse sentido, um dos papéis mais importantes de quem interpreta algo é jamais fazer com que a coisa interpretada perca a sua essência.

No segundo momento, nos debruçamos sobre a linguagem falada e a linguagem escrita. Nesse sentido, abordaremos a importância da língua falada para a comunicação humana e, posteriormente, da linguagem escrita que encontramos, sobretudo, desenvolvida em textos e livros. Assim, fica perceptível que o caráter dialógico da linguagem acontece como manifestação do fenômeno da hermenêutica, e que ela é o modo que o ser humano busca para poder interpretar/compreender o mundo.

Por fim, no terceiro momento, tratamos da questão da linguisticidade (*Sprachlichkeit*) dialógica enquanto fio condutor que tece para uma hermenêutica para a *práxis* da vida humana; a saber, a comunicação. Para isso, é importante ressaltar que a

linguagem e o diálogo humano são formas do homem se manifestar no mundo, através da interpretação/compreensão das coisas. Portanto, a linguagem empregada a partir da *práxis* humana enquanto compreensão do mundo é fundamental para o modo de ser do homem e para tudo o que está ao seu redor.

2 A PERGUNTA PELA LINGUAGEM NO HORIZONTE DA HERMENÊUTICA GADAMERIANA

A linguagem é o fio condutor central da hermenêutica filosófica gadameriana tecida na sua obra magna *Verdade e Método*. Ela faz parte do itinerário da tradição filosófica empregada enquanto modo de interpretação/compreensão. Sobretudo, na perspectiva empregada pela filosofia de Hans-Georg Gadamer, porque o fenômeno da linguagem é o modo de ser básico do ser humano, isto é, o meio pelo qual ele se constitui. Por meio desse fenômeno, o homem apresenta a capacidade de poder perceber que também faz parte do percurso da vida efetiva, ao mesmo tempo em que seu modo de ser se dá no tempo como historicidade, elemento que orienta sua relação com as coisas em geral.

Por outro lado, a tradição da hermenêutica filosófica não abre mão da linguagem enquanto uma esfera primordial do evento da compreensão. Isto “devemos ao romantismo alemão ter visto o significado sistemático que possui o caráter de linguagem da conversação para todo o compreender” (GADAMER, 2015, p. 503), ou seja, o quanto a linguagem é importante para o processo de interpretação das coisas.

Antes, como herança da tradição hermenêutica metodológica, no que se refere ao momento da interpretação e sua relação com o momento da compreensão, a linguagem se mostra enquanto diálogo e, por meio do diálogo linguístico-interpretativo, o intérprete realiza sua tarefa de mediação interpretativa. Na perspectiva filosófico-hermenêutica, o diálogo se constitui como momento fundamental da manifestação da linguagem. Como afirma Gadamer, “nós nos aproximamos mais da linguagem quando pensamos no diálogo” (GADAMER, 2012, p. 37). Então, a linguagem e o diálogo estão imbricados entre si.

Por conseguinte, “assim, como acontece nas conversações reais, é o tema comum que une as partes entre si, nesse caso o texto e o intérprete” (GADAMER, 2015, p. 502) – o intérprete faz a relação entre passado e o presente –, e posteriormente, nas formas de interpretar/compreender o mundo filosoficamente. Destarte, a linguisticidade perpassa o fio condutor da hermenêutica gadameriana e, concomitantemente, apresenta o modo próprio do acontecimento da linguagem. Por isso, a “linguagem representa nosso único acesso à realidade” (GRONDIN, 1995, p. 147), isto é, através dela que o ser humano pode expressar tudo o que sente, interpreta e vive. Ainda, como afirma Günter Figal, “o homem é um ser vivo hermenêutico” (FIGAL, 2007, p. 381), pois ele vive em um processo contínuo de interpretação/compreensão.

Como sabemos, “a tradição da linguagem é tradição no sentido autêntico da palavra, ou seja, aqui não nos defrontamos simplesmente com um resíduo que serve de investigar e interpretar enquanto vestígios do passado” (GADAMER, 2015, p. 504). Nós buscamos compreender o que de fato é a linguagem empregada a partir da tradição hermenêutica e, conseqüentemente, o interpretar se mostra presente constantemente na vida do ser humano enquanto um modo de ser. Por isso, a linguagem, aqui, é compreendida enquanto modo de ser fundamental do ser humano.

2.1 Hermenêutica, linguagem e interpretação

A hermenêutica filosófica gadameriana trata do tema da linguagem como o meio no qual o fenômeno da interpretação e compreensão opera. “Na contemporaneidade, a hermenêutica é a perspectiva filosófica que mais levou a sério isso em seu esforço conceitual para poder compreender e explicar o real” (ROHDEN, 2013, p. 323). Nesse sentido, a interpretação de textos parece um caminho interessante para pensar o próprio processo da compreensão. Interpretar textos faz parte do processo de investigação das coisas. Através da leitura e compreensão de escritos do passado – “o passado não é algo distante, mas “presente” em cada interpretação e compreensão” (WU, 2004, p. 182) –, como no caso de um texto antigo, o intérprete atualiza o sentido do escrito, compreendendo-o na perspectiva da linguagem em que foi elaborado em confronto com as possíveis interpretações do presente. Todo esse processo é linguagem.

Tal processo acontece especialmente na filosofia, no direito e na teologia. Na filosofia, busca-se compreender um texto de uma determinada época por meio de leitura e análises que possibilitam não somente a compreensão pretérita do escrito, mas também novas interpretações diante da efetividade do presente. No direito, a interpretação das leis é parte do processo de tomada de decisões corretas, no que diz respeito aos julgamentos. No caso da teologia, ao lidar com textos bíblicos e patrísticos, os religiosos lidam com perspectivas atuais de leitura de textos antigos, mesmo considerando suas histórias, como meios nos quais se atualiza um conteúdo de fé. Assim, podemos perceber que o processo hermenêutico passa pela interpretação e compreensão, pois “compreender um texto é compreender a pergunta” (BLEICHER, 1980, p. 161) na dinâmica dialogal na qual a interpretação aparece como um acontecimento.

A hermenêutica filosófica, segundo Gadamer, ensina que “todo compreender é interpretar” (GADAMER, 2015, p. 503), ou seja, não há uma distinção cabal entre os dois termos no que diz respeito à atividade reflexiva que acontece quando há interpretação. Nas

palavras de Josef Bleicher: “a hermenêutica tem duas tarefas: uma é determinar o conteúdo do significado exato de uma palavra – neste caso saber o significado da palavra –, frase, texto e etc.: outra, descobrir as instruções contidas em formas simbólicas – dá sentido no que se refere à imagem de algo” (BLEICHER, 1980, p. 23). Em ambas as tarefas, a linguagem constitui-se esfera de acontecimentos.

Com isso, constatamos que a hermenêutica tanto procura interpretar/compreender palavras, quanto textos. É neste sentido que “a compreensão é uma participação na corrente da tradição, em um momento em que se mistura passado e presente” (PALMER, 1969, p. 189). Dessa forma, “o intérprete, ao tratar da tradição, está tratando de si mesmo e, inversamente, ao tratar de si, está se remetendo imediatamente à tradição” (WU, 2004, p. 184), ou seja, traz o passado para o presente em forma de linguagem, sem deixar que a coisa a ser interpretada perca a sua essência no sentido original. “Para Gadamer, isso significa a abertura da tradição para o futuro” (BRUNS, 1992, p. 202), bem como tornar o passado compreensível no presente pelo fio condutor da linguagem.

Segundo Bleicher, Gadamer oferece-nos um percurso hermenêutico marcado pelo diálogo. Aqui, podemos pensar o diálogo como um contato linguístico entre duas pessoas ou, ainda, na relação com textos, porque há sempre uma perspectiva de acordo e desacordo, tendo em vista a interlocução realizada. A princípio, não compreendemos no todo, somente em partes e, com isso, percebemos o quanto o caráter da linguagem é importante para a hermenêutica.

Para Richard Palmer, “é necessário compreender algo para podermos exprimir e, no entanto, a própria compreensão vem a partir da leitura-expressão interpretativa” (PALMER, 1969, p. 27). Sendo assim, a interpretação acontece linguisticamente, tendo como modelo a relação entre obra e intérprete nos termos de uma fusão dos horizontes, na qual possa despontar um evento hermenêutico, acrescentando ao sujeito-intérprete novas possibilidades compreensivas.

“Neste sentido, o próprio horizonte do intérprete é determinante, [...] como uma opinião e possibilidade que aciona e coloca em jogo e que ajuda a apropriar-se verdadeiramente do que se diz no texto” (GADAMER, 2015, p. 503). Tal afirmação nos mostra o quanto a linguagem se faz necessária para a compreensão das coisas, a partir do horizonte do intérprete.

A fusão de horizontes, em uma perspectiva empregada a partir da linguagem, tem como sentido demonstrar o quanto é necessária uma hermenêutica que possa favorecer a

interpretação/compreensão do modo de ser homem. Então, compreender as coisas por meio do horizonte do intérprete é estar de acordo com aquilo que o mesmo nos afirmar.

Desse modo, compreender uma determinada época a partir de seus próprios relatos históricos significa que a relação com “a tradição não é uma mera repetição, mas é o modo de ser histórico do sujeito moderno” (BRUNS, 1992, p. 200). Assim, a tradição, como linguagem, acontece enquanto elemento primordial da vida histórica humana.

A hermenêutica não se limita a ser um procedimento metódico-científico que pretende apenas dar acesso a informações contidas em uma obra de relevância cultural. Trata-se de exercer uma atividade de interpretação. Na arte de interpretar também está em jogo a transmissão/apreensão do conteúdo interpretado. Nas palavras de Gadamer: “a hermenêutica é, justamente, uma *arte* e não um procedimento mecânico. Assim, leva a cabo sua obra, a compreensão, do mesmo modo como se realiza uma obra de arte” (GADAMER, 2015, p. 262). Nessa perspectiva, pensar em hermenêutica é pensar de modo interpretativo, e não apenas buscar esclarecer informações sobre algo. Da mesma forma que o intérprete de uma obra de arte ou de uma obra literária compreende aquele objeto, tendo diante de si algo que lhe diz muito, estão presentes, na hermenêutica, expectativas que conduzem e contribuem para o crescimento do próprio intérprete.

A hermenêutica filosófica gadameriana visa buscar a interpretação e compreensão das coisas assim como elas acontecem. Por isso que:

A compreensão é colocada a caminho apenas através da “coisa” em questão. Por isso, os pensamentos confusos e o que está “mal” escrito não são, para a tarefa do compreender, casos paradigmáticos nos quais a arte hermenêutica alcançaria todo seu esplendor. Ao contrário, representam casos-limites nos quais a condição indispensável do êxito hermenêutico, a saber, a univocidade no sentido referido, começa a perder sua segurança (GADAMER, 2015, p. 510).

O processo hermenêutico se dá como uma forma de compreender o que se manifesta no não dito, ou seja, “compreender é trazer à tona o não dito que é necessário para realizar o que foi dito” (GRONDIN, 1995, p. 152), procurando, assim, chegar ao “verdadeiro sentido de um texto” (GADAMER, 2015, p. 510), isto é, à compreensão daquilo que se mostra a partir da relação com o texto ou com outro objeto, para além da explicação técnica ou entendimento.

Nessa perspectiva, a experiência hermenêutica se manifesta como a forma pela qual o sentido do que é interpretado aparece. A hermenêutica, portanto, descreve a interpretação/compreensão em termos de uma experiência que não é simplesmente metódica ou científica. Trata-se de envolver, em um mesmo diálogo, sujeito-intérprete e obra-objeto.

“Portanto, afirma Gadamer, o objetivo da hermenêutica é sempre restituir e restabelecer o acordo, preencher as lacunas” (GADAMER, 1998, p. 59), para que se possa descrever a interpretação enquanto algo que acontece.

Logo, quando se está “diante de um texto, por exemplo, o intérprete não procura aplicar um critério geral a um caso particular: ele se interessa, ao contrário, pelo significado fundamentalmente original do escrito de que se ocupa” (GADAMER, 1998, p. 57). Trata-se de uma atenção peculiar ao sentido da obra, uma atualização do texto entre autor e ouvinte, entre aquele que escreveu e aquele que está lendo. Isso nos ajudará a compreender que a linguisticidade como caráter próprio da linguagem, assim como própria de todo discurso, possibilita novas formas de interpretar.

Assim sendo, “a experiência hermenêutica se compõe a partir do *medium* da linguagem” (ROHDEN, 2002, p. 263), porque ela trata diretamente da relação linguística do ser humano no mundo. Já “o princípio do diálogo é o princípio fundamental da hermenêutica” (ROHDEN, 2002, p. 198), e mesmo os dois sendo aparatos que estão em jogo quando se interpreta textos e discursos, ainda assim a hermenêutica filosófica estende a toda e qualquer forma de linguagem, entendendo-a como a manifestação humana mais básica. É nesse sentido que “a intenção do intérprete é fazer-se mediador entre o texto e a totalidade nele submetida” (GADAMER, 1998, p. 59), pois a compreensão deve ir além das linhas do texto, ou seja, permitindo penetrar nas entrelinhas, como forma de compreender o que se apresenta. Por isso, “de fato, todo escrito é por excelência objeto da hermenêutica” (GADAMER, 2015, p. 511), isto é, a hermenêutica busca interpretar o verdadeiro sentido, tendo sempre como referência o texto.

Com efeito, podemos encontrar a linguagem de duas maneiras: a primeira é a linguagem falada e segunda é a linguagem da escrita. Por meio da linguagem falada, podemos nos expressar e nos comunicar num diálogo com outra pessoa. Por isso que “o maior milagre da linguagem não consiste no fato de que a palavra se tornou carne e manifestando-se no seu exterior, mas no fato de que aquilo que se manifesta e se expressa em sua exteriorização já é sempre palavra” (GADAMER, 2015, p. 543). Dessa maneira, a linguagem falada pode ser encontrada no princípio da criação, segundo o cristianismo. Já a linguagem da escrita se dá através do percurso feito nos textos em livros e dentre outros meios de escritos. Como exemplo, podemos apresentar a linguagem da escrita também enquanto criação – nesse caso, o relato da criação encontrado na bíblia no livro do Gênesis. Assim, temos numa mesma perspectiva a relação entre linguagem escrita e falada, enquanto criação do mundo, segundo o cristianismo.

A linguagem “é o meio em que se realizam o acordo dos interlocutores e o entendimento sobre a coisa em questão” (GADAMER, 2015, p. 497). É nela que acontece a ligação entre os sujeitos e os objetos no processo hermenêutico-interpretativo.

A linguagem é, pois, o centro do ser humano, quando consideramos no âmbito que só ela consegue preencher: o âmbito da convivência humana, o âmbito do entendimento, do consenso crescente, tão indispensável à vida humana como o ar que respiramos. Realmente o homem é o ser que possui linguagem, segundo a afirmação de Aristóteles: Tudo que é humano deve poder ser dito entre nós (GADAMER, 2011, p. 182).

Tudo o que o ser humano é capaz de dar sentido e comunicar está imbricado em sua capacidade de se relacionar com os outros. Por isso, a linguagem está presente no centro da vivência humana, assim como em todas as formas de manifestação linguísticas de cada sujeito.

Ao transmitir uma mensagem por intermédio da fala e/ou da escrita, tem-se em mãos o poder de atingir o outro, podendo, desse jeito, alcançar tanto quem está perto, quanto quem está longe. “De modo geral, antes mesmo de compreendermos qualquer coisa em uma frase, procedemos a uma certa estruturação prévia que constitui, desse modo, a diretriz de uma posterior compreensão” (GADAMER, 1998, p. 58). Trata-se, pois, de uma estruturação que o sujeito utiliza para poder compreender as coisas, principalmente, no que se refere a algo que está escrito ou que pode ser falado.

Sabe-se que uma das formas da linguagem vive através do falar – que com a fala, o sujeito se revela no intuito de se comunicar com no mundo – e que a outra forma se dá por meio da linguagem da escrita. Isto é, o intérprete é responsável por dar o verdadeiro sentido ao que o texto escrito quer dizer e, dessa maneira, o pensamento pode ser manifestado por meio da fala que, posteriormente, também poderá acontecer tendo como meio as coisas escritas. Segundo Gadamer (2015, P. 523-524):

A linguagem que vive no falar, que abarca toda compreensão, inclusive a do intérprete dos textos, está tão envolvida na realização do pensar e do interpretar que verdadeiramente nos restaria muito pouco se desconsiderássemos o conteúdo que nos transmitem as línguas e quiséssemos pensá-las unicamente como formas.

Tomando como ponto de partida o modo de pensar gadameriano sobre a linguagem, podemos afirmar que ela está presente na condição relacional e comunicativa do ser humano. Tudo isso, porque é pela linguagem em suas duas formas – a escrita e a fala –,

que o homem pode exercitar seu *logos*¹. Isto é, por meio da linguagem da fala, o indivíduo humano pode se comunicar. No que se refere à escrita da linguagem, ela deve ser utilizada enquanto “ferramenta” de socialização com os demais seres humanos. Por isso, “a linguagem está em todas as partes e domina completamente nossa visão de mundo” (LAWN, 2011, p. 112). Compreender o que a linguagem pode alcançar no mundo é o mesmo que ter controle sobre o que se escuta através da fala e o que se interpreta por meio das coisas escritas.

Segundo Grondin: “tudo que pode ser entendido é o ser que se articula em linguagem. Quando tento entender o que é determinada coisa, busco um ser que já é linguagem e que pode, então, ser entendido” (GRONDIN, 2012, p. 77). Entende-se o ser da linguagem a partir da experiência que o homem faz ao lidar com as coisas no mundo.

A linguagem é a base do processo hermenêutico de relação com a tradição. Ela, enquanto base, da tradição, ajuda no processo de compreensão. Isso ocorre porque a ação investigativa realizada pela linguagem serve para interpretação da tradição. Principalmente, no caso dos textos escritos e de tudo aquilo que se pode ser falado. Assim, a linguagem perpassa a tradição como testemunho de uma experiência que nos é comunicada historicamente, conforme a apresentação do intérprete, sem deixar de fazer referência ao sentido pretérito.

A tradição de linguagem é tradição no sentido autêntico da palavra, ou seja, aqui não nos defrontamos simplesmente com outro resíduo que se deve investigar e interpretar enquanto vestígio do passado. O que chegou a nós pelo caminho da tradição de linguagem não é o que restou, mas é transmitido, isto é, nos é dito – seja na forma de tradição oral imediata, onde vivem o mito, a lenda ou usos de costumes, seja na forma da tradição escrita cujos signos de certo modo destinaram-se diretamente a todo e qualquer leitor que esteja em condições de os ler (GADAMER, 2015, p. 504).

A relação que a linguagem tem com a tradição nos faz perceber que ela não é um resto daquilo que sobra, mas é, sobretudo, aquilo que transmite o sentido verdadeiro do passado. De modo especial, é tudo que a oralidade pode nos permitir conhecer, como por exemplo, através das narrações mitológicas, lendas, fábulas e costumes. É também notório que a tradição da linguagem escrita nos leva a fazer o mesmo processo.

Seguindo essa mesma perspectiva, afirma Rohden: “é na linguagem, em seu movimento especulativo, que se coloca a relação originária do eu no mundo, ou seja, que toda realidade advém e toma forma” (ROHDEN, 2000, p. 552). Nesse movimento especulativo feito a partir da linguagem, o ser humano se percebe no mundo.

¹ “A palavra grega *logos* foi introduzida no sentido de razão ou pensar. Na verdade, a palavra significa também e sobretudo: linguagem” (GADAMER, 2011, p. 173).

A tradição, portanto, surge como um elemento central no acontecimento do fenômeno hermenêutico da linguagem através da interpretação/compreensão. Segundo Gadamer, “se nos ativermos ao que ocorre na palavra e na fala e, sobretudo, em qualquer conversação com a tradição, levada pelas ciências do espírito, precisamos conhecer que em tudo isso se produz uma continuada formação de conceitos” (GADAMER, 2015, p. 521, 522). Dessa maneira, as palavras faladas nos propõem o significado que o fio condutor tecido pela linguagem nos faz compreender.

Por outro lado, vale ressaltar que a multiplicidade da linguagem consegue abranger de forma ainda maior a comunicação entre as pessoas – o que acontece por meio do diálogo –, levando-as a comunicar, interpretar e, assim, proporcionar uma experiência das coisas em geral, isto é, a linguagem enquanto acontecimento da experiência hermenêutica representada no mundo.

A linguagem não é somente um dentre muitos dotes atribuídos ao homem que está no mundo, mas serve de base absoluta para que os homens tenham *mundo*, nela se representa *mundo*. Para o homem, o mundo está aí como mundo numa forma como não está para qualquer outro ser vivo que esteja no mundo (GADAMER, 2015, p. 571).

Como a linguagem pertence especialmente ao ser humano, é ele quem deve dar o seu sentido no mundo, porque ela é representativa a partir do significado linguístico que cada coisa recebe por meio da interpretação que é feita. Gadamer avança nesse sentido: trata-se de afirmar o caráter ontológico da linguagem enquanto compreensão que acontece em todas as formas de linguagem.

Segundo Mertens-Kahlmeyer, “vivemos na linguagem como em um elemento, como peixe na água. No contato com a forma de linguagem, e em tudo que chamamos de diálogo nós procuramos as palavras” (MERTENS-KAHLMEYER, 2017, p. 126). Isso nos faz perceber que a linguagem e o diálogo são fenômenos hermenêuticos, e ambos estão presentes na vida do ser humano enquanto modo de ser na busca dos sentidos em geral. Assim como o peixe precisa estar na água para sobreviver, o homem precisa da linguagem e do diálogo para poder se comunicar no mundo. Por isso que “é a linguagem e diálogo que constituem o fio condutor de *VMI* no contexto e fundamentação da hermenêutica filosófica” (ALMEIDA; FLICKINGER; ROHDEN, 2000, p. 153). É dessa maneira, que a linguagem e o diálogo constituem a hermenêutica gadameriana.

Gadamer demonstrou que a linguagem é ao mesmo tempo o meio e o objeto da compreensão, e que ela é o modo de ser da tradição. No evento hermenêutico da

compreensão, a coisa em si, enquanto o assunto de um texto, se endereça ao intérprete. Na interpretação bem-sucedida o evento especulativo de uma perspectiva do assunto chega ao horizonte de linguagem do intérprete. Ser especulativo, significa que o mesmo assunto chega à linguagem em interpretações diferentes, mas corretas (SCHMIDT, 2014, p. 179-180).

Dado o exposto, percebemos que o modo de ser da linguagem que acontece no seio da tradição é o evento próprio da experiência da hermenêutica. Nessa perspectiva, o ser especulativo da linguagem conduz o intérprete no caminho filosófico, aberto a diversas interpretações. Por isso, “a linguagem não é simples expressão de uma realidade que em si mesma é não-linguística e subtraída, em sua imobilidade, à vida da linguagem. Para uma investigação ontológica, não é apenas na ordem da investigação que esta via de linguagem constitui o ser que ela envolve” (ROHDEN, 2000, p. 552), mas uma forma de manifestação ontológica que se dá através do ser. Sendo essa ontologia relacionada à questão prática da tradição linguística, ela possibilita a análise do acontecimento da interpretação/compreensão. Assim, consideramos que a linguagem e o diálogo não são um simples instrumento que comunicam signos, mas acontecem enquanto movimento especulativo da hermenêutica enquanto caráter da interpretação/compreensão.

Segundo Schmidt, “Gadamer afirma que no evento da linguagem é mais correto dizer que linguagem nos fala, e que este evento é mais um ato da própria coisa do que do nosso ato subjetivo” (SCHMIDT, 2014, p. 183). Nesse caso, a linguagem não é apenas um instrumento que comunica, ela é o evento preponderante que norteia o modo de ser do ser humano a partir da tradição linguística e interpretativa, para que o evento do fenômeno da hermenêutica possa acontecer.

O modo de ser da linguagem que chamamos “uso geral de linguagem” limita ambas as teorias. O limite do convencionalismo é o seguinte: não se deve haver *linguagem*. O problema das “línguas privadas” mostra as condições sob as quais se encontram essas mudanças de nome. [...] também os meninos e os amantes têm “sua” linguagem, pela qual se compreendem num mundo que é só deles; mas, também isso não se faz por imposição arbitrária, mas desenvolvendo um hábito de linguagem (GADAMER, 2015, p. 525).

O nome que é dado a partir de cada lugar ou de cada língua falada é um procedimento comunicativo, que deve ser interpretado, não deixando de lado a linguisticidade própria de cada língua. Podemos pensar, como exemplo, as línguas expressadas por um casal apaixonado ou por meninos brincando num determinado lugar, e sucessivamente o hábito da linguagem vai se desvelando. A partir disso, é possível perceber que o fenômeno linguístico possibilita o acontecer da interpretação/compreensão.

Então, a linguagem na hermenêutica permite ao ser humano vislumbrar seu modo de ser relacional com os outros. Dessa maneira, a comunicação é uma manifestação linguística que se dá através das palavras para que, assim, possam interpretar as coisas corretamente.

Gadamer (2011, p. 173-174) afirma que:

O homem pode comunicar tudo que pensa. E mais: É somente pela capacidade de se comunicar que unicamente os homens podem pensar o comum, isto é, conceitos comuns e sobretudo aqueles comuns, pelos quais se tornam possível a convivência humana sem assassinatos e homicídios, forma de uma vida social, de uma constituição política, de uma convivência social articulada na divisão do trabalho. Isso tudo está contido no simples enunciado: o homem é um ser vivo dotado de linguagem.

A linguagem, portanto, possui um caráter relacional e, surge enquanto elemento próprio do ser humano, ou seja, em tudo aquilo que serve para a convivência social, pela qual possa ser proporcionada uma harmonia coexistente entre as pessoas.

Por sua vez, a comunicação é importante para que o fenômeno da interpretação /compreensão aconteça. Pois, a partir do diálogo entre dois ou mais, há uma infinidade de possibilidades de sentido, mesmo que os falantes não tenham o mesmo nível de conhecimento do tema falado. No entanto, quem está disposto a dialogar busca de algum jeito explicar o conteúdo que está sendo discutido, de maneira que o outro possa trazer para seu horizonte de contexto linguístico e compreender o que foi dito.

O diálogo, segundo Gadamer, acontece na “conversação, antes, pela qual os sons da linguagem ou signos da escrita alcançam significado não é o acordo sobre o meio de entendimento – de qualquer modo, isso pressuporia a existência da linguagem. Ela é o acordo selado que serve de fundamento para a comunidade entre os homens” (GADAMER, 2015, p. 557). Isso, porque a linguagem dá possibilidade ao homem de pensar como ele se relaciona com os demais seres humanos. É na linguagem que o ser se constitui.

Na verdade, o que ocorre em um “diálogo, não é termos experimentado algo de novo, mas termos encontrado no outro, algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo” (GADAMER, 2015, p. 247). Então, é no diálogo que encontramos estranhamento em relação ao outro, isto é, mesmo que possa haver divergências, também pode haver concordâncias.

Evidencia-se que a linguagem propicia ao ser humano interpretar e, simultaneamente, comunicar as coisas, pois “é a própria língua que prescreve o que significa o uso da linguagem” (GADAMER, 2011, p. 231) e que pode interpretar corretamente uma determinada mensagem. Seu papel é caracterizar e transmitir a mensagem utilizando todas as

ferramentas possíveis (como os signos e versículos) para que ela alcance sua finalidade com êxito, para que o leitor ou ouvinte possa compreender aquilo que se quis ou se quer transmitir seja a partir de um texto ou num diálogo estabelecido entre seres humanos.

A linguagem é o *medium* do processo interpretativo/compreensivo das coisas. Além disso, ela é quem transmite e dá sentido à vida afetiva humana pela qual o homem se apresenta no mundo. Por isso que o fenômeno hermenêutico da linguagem acontece enquanto modo de ser do homem e, da mesma maneira, passa pelo processo dialógico no que se refere a interpretação/compreensão.

Observamos a partir do fio condutor da hermenêutica filosófica que a linguagem e o diálogo são dois aspectos que buscam interpretar o ser humano em sua condição contemporânea, pois “o diálogo e a linguagem, juntamente com a experiência da hermenêutica, constituem os fios condutores principais com os quais teceremos a rede da hermenêutica filosófica” (ROHDEN, 2019, p. 164) e esses aspectos são importantes para analisar a condição humana em sua totalidade.

Vemos que no diálogo as ideias não precisam sempre convergir, no entanto, elas precisam fazer sentido, ou seja, devem estar em uma condição de sentido compartilhado. A transmissão de uma mensagem, por exemplo, deve alcançar seu objetivo, fazendo com que na relação entre autor, leitor e mensagem possa haver entendimento.

Nas palavras de Gadamer (2015, p. 505):

Na escrita a linguagem se liberta do ato de sua realização. Na forma da escrita, o todo transmitido está simultaneamente presente em qualquer atualidade. Nela se dá uma coexistência de passado e presente única em seu gênero, na medida em que a consciência tem presente também à possibilidade de um acesso livre a tudo quanto tenha transmitido por escrito. A consciência que compreende, liberada de sua dependência da transmissão oral, que traz ao presente as notícias do passado [...]

A escrita se realiza na linguagem enquanto forma de transmissão do passado para o presente, porque ela permite ao que é transmitido se fazer presente em qualquer período. Na verdade, por meio da linguagem, poderíamos afirmar a coexistência entre passado e o presente numa “fusão dos horizontes”. Segundo Gadamer, “os horizontes separados como pontos de vista diferentes fundem-se num. Por isso a compreensão de um texto tende a integrar o leitor no que diz o texto” (GADAMER, 2015, p. 405). Fundir os horizontes num só quer dizer atualizar o passado para o presente por meio de uma interpretação/compreensão textual único.

Para Chris Lawn (2011, p. 94):

A visão global do passado faz uma declaração, através do texto, no presente. O texto antigo, apesar de sua qualidade de obsoleto e antigo, ainda faz sua apresentação de seu horizonte. A ideia da fusão dos horizontes, de alguma forma, explica a natureza e justifica a existência do cânon filosófico.

Entende-se que a ideia de fusão dos horizontes, apresentada a partir da filosofia gadameriana, assim como afirmou Lawn, é parte daquilo que um autor apresenta através de seu horizonte, ou seja, percebemos que o passado faz parte do presente pelo *medium* da linguagem. Assim, isso se torna uma explicação de interpretação/compreensão do antigo, para fazer dele o novo. Claro que a essência do texto antigo jamais poderá ser esquecida. Pelo contrário, ele manterá sua originalidade. Apenas será feita uma hermenêutica para poder trazê-lo para a contemporaneidade, ou seja, a linguisticidade pelo viés hermenêutico.

Por outro lado, em um diálogo, os falantes são os responsáveis pelo que está sendo discutido, pois, através do desdobramento da fala, eles constituem uma relação de alteridade com autonomia, sobretudo por meio da sua experiência hermenêutica com a coisa que está em questão.

Em vista disso, notamos que:

Uma coisa que se comporta desse modo ou de outro, isso constitui o reconhecimento de sua alteridade autônoma, que pressupõe por parte do falante uma distância própria em relação à coisa. Essa distância serve de base para que algo possa destacar-se em conteúdo de um enunciado, passível de ser compreendido também pelos outros (GADAMER, 2015, p. 574-575).

Percebe-se, pois, que o falante se distancia da coisa falada. Na verdade, podemos dizer que seria uma relação entre linguagem e diálogo, isto é, uma forma de compreensão do falante para a coisa falada, no que se refere à existência interpretativa do horizonte do outro. Dessa forma, a linguisticidade apresentaria o conteúdo que foi enunciado, e o diálogo seria como o caminho pelo qual a fala chegaria ao outro.

Sendo assim, poderíamos dizer que existe um distanciamento e uma aproximação no que acontece no âmbito da hermenêutica filosófica, isto é, uma aproximação com a coisa que é interpretada. Esse evento acontece por meio da linguagem e do diálogo, e ambos são o fio condutor que tece a comunicação humana. Portanto, podemos afirmar que “onde um diálogo teve êxito ficou algo para nós que nos transformou” (GADAMER, 2011, p. 247), ou seja, de certa forma por meio da linguagem e do diálogo aprendemos alguma coisa, algo que aconteceu em nós e também nos outros.

2.2 Círculo hermenêutico, preconceito e fusão dos horizontes

A filosofia gadameriana e sua relação hermenêutica com a linguagem são constituídas pela linguisticidade do modo de ser do ser humano, que acontece a partir da capacidade de interpretação/compreensão das coisas, sendo o passado e o presente importantes nesse processo. Essa afirmativa assegurada pelo fenômeno linguístico da hermenêutica é a fusão de horizontes; a saber, tal conceito possibilita a distinção no referente ao fenômeno da hermenêutica apresentado a partir da linguagem na interpretação textual – ou em outras coisas, como na arte, na música, na poesia, na teologia e no direito.

É importante ressaltar que a linguagem se desdobra no modo de ser do homem e, sobretudo, pela forma com a qual ela se manifesta na interpretação/compreensão das coisas a partir da hermenêutica filosófica gadameriana. Sendo que, por meio do texto, nota-se o evento da linguagem, e isso possibilita ao intérprete a compreensão do texto que faz parte do presente.

Com isto, o fenômeno hermenêutico se apresenta como um caso especial da relação geral entre pensar e falar, cuja enigmática intimidade faz com que a linguagem se oculte no pensamento. Assim, como a conversação, a interpretação é um circuito fechado pela dialética da pergunta e resposta. É uma verdadeira relação vital histórica que se realiza no *medium* da linguagem e que, mesmo no caso da interpretação, de textos, podemos chamar de conversação (GADAMER, 2015, p. 504).

Percebemos que é a partir do termo “fusão de horizontes” na filosofia hermenêutica gadameriana que encontramos o compreender entre passado e presente, e aprendemos sua relação com a conversação linguística na hermenêutica. Pois, “antes, a compreensão é essencialmente um fenômeno expansivo, isto é, amplia o horizonte de sentidos daquele que compreende, que passa, portanto, a ver mais, mais longe” (SILVA, 2016, p. 71). Por isso, o compreender para a linguagem é o modo de ser do homem e sua relação com as coisas ao redor, prontas para serem justamente interpretadas.

Uma hermenêutica da compreensão linguística pelo viés da fusão dos horizontes é a descrição de um evento do compreender as coisas em geral, porque “a noção de fusão de horizontes, portanto, permite entender de que modo os horizontes do passado e do presente podem se comunicar” (SILVA, 2016, p. 69). Trata-se de uma relação constante entre passado e presente que busca trazer o acontecimento do passado de maneira interpretativa para o presente. Desse jeito, o intérprete é o responsável por fazer esse procedimento hermenêutico entre esse horizonte compreensivo.

Segundo afirma Bleicher (1980, p. 159),

[...] o nosso horizonte está em constante processo de formação, pondo à prova os nossos preconceitos no encontro com o passado e tentando compreender partes da nossa tradição. Por conseguinte, é inadequado conceber um horizonte isolado do presente, visto que ele foi já formado através do contato com o passado.

O compreender humano, sobretudo, com a descoberta interpretativa do modo de ser do homem a partir do fenômeno da linguagem, faz-se necessário para que a tradição seja de certa forma compreendida. Por isso, “compreender, tem algo em comum com declarações linguísticas, e, em verdade, em diversos aspectos” (FIGAL, 2007, p. 111), ou seja, o caráter compreensivo refere-se, pois, ao acontecimento pelo *medium* da linguagem enquanto interpretação.

Nisso consiste dizer que não pode haver um horizonte isolado do presente, pois o presente pode ser o desdobramento de algo que aconteceu no passado; e as possibilidades da compreensão a partir da fusão dos horizontes por meio da linguagem nos faz perceber que ela é o evento da experiência hermenêutica, porque o passado e o presente estão imbricados entre si.

A linguisticidade, apresentada por Gadamer na terceira parte de *Verdade e Método*, mostra-nos a importância fundamental da linguagem que constitui a interpretação/compreensão da tradição e, ainda, o acontecimento comunicativo que o ser humano pode expressar eventualmente a partir do fenômeno hermenêutico no seio da linguagem e das mais diversificadas realidades que podemos encontrar na relação do ser humano com o mundo.

Para Gadamer, o problema da linguagem constitui o tema central da hermenêutica. A sua preocupação com a linguagem marca mesmo o ponto em que ele ultrapassa as preocupações da hermenêutica existencial, [...] a linguisticidade como articulação do passado e do presente possui também a vantagem de constituir um forte argumento contra o ideal da objetividade avançado pelas *Geisteswissenschaften* (BLEICHER, 1980, p. 162).

O fenômeno da linguagem, de fato, é o principal tema que constitui a hermenêutica filosófica gadameriana, ou seja, o modo como ela ajuda a compreender de maneira articulada os fatos que aconteceram no passado, como também os que fazem parte do presente, para que o homem continue a buscar compreender as coisas do mundo. Tanto faz se é a textual, artística ou se é alguma das demais coisas que organizam a vida humana no mundo, porque “o mundo é estruturado como linguagem; de tal modo que o consenso, a comunicação, a conversação, os diálogos se constituem como exigência transcendental” (PEREIRA, 2017, p. 58).

A fusão dos horizontes está presente no seio da linguagem, sobretudo, na interpretação/compreensão do passado e presente. Segundo Gadamer, “o intérprete que faz a intermediação entre as duas partes” (GADAMER, 2015, p. 405), haja vista que o compreender acontece no interior semântico e tem como meio a linguagem apresentada no modo de ser do homem. Vejamos a linguisticidade a partir do que afirma o autor Josef Bleicher (1980, p. 161-162):

A fusão de horizonte é, todavia, inconcebível sem a intervenção da linguagem. Salientei já que a compreensão tem de ser como uma interpretação e essa interpretação é a forma explícita da compreensão. Essa concepção associa-se ao fato de a linguagem usada na interpretação representar um momento estrutural da interpretação.

Certamente, no processo da compreensão, não se pode pensar na linguagem sem a sua intervenção no mundo, porque a linguagem é imprescindível para que a experiência hermenêutica possa acontecer. Em outras palavras, a linguagem em si é representativa e ela estrutura a forma como o ser humano pode interpretar as coisas no mundo.

Dado isso, o caráter ontológico da linguagem é o elemento primordial do diálogo, para que o mundo da vida humana possa através da experiência hermenêutica existir enquanto linguisticidade que estrutura a interpretação do homem. A esse acontecimento ontológico da linguagem, Richard Palmer (1969, p. 210) afirma que:

A linguisticidade fornece o chão comum no qual e sobre o qual se podem encontrar. A linguagem é o meio no qual a tradição se esconde e é transmitida. A experiência não é tanto algo que vem antes da linguagem, pois a própria experiência ocorre na e pela linguagem. A linguisticidade é algo que se difunde do modo de estar-no-mundo do homem histórico. Como observamos, o homem tem um mundo e vive num mundo por causa da linguagem.

Percebe-se, pois, que esse fator do fenômeno inteiramente linguístico da hermenêutica é o evento que acontece por causa da tradição da linguagem. Isto é, através do fio condutor da experiência na linguagem, pois “a linguagem é o modo de operação fundamental do nosso ser-no-mundo e a forma abrangente da constituição do mundo” (BLEICHER, 1980, p. 182). Portanto, o modo de ser do homem é causado pelo processo comunicativo, que vem pelo *medium* da linguagem.

De modo geral, a linguagem hermenêutica na fusão dos horizontes é o processo do acontecer constante entre a interpretação/compreensão, entre o passado e o presente, ou seja, a “comunicação, resolvendo assim a tensão entre o horizonte do texto e o horizonte do leitor” (GADAMER, 2015, p. 405). Dessa forma, trazendo para o período hodierno a

mensagem textual e, posteriormente, atualizando-a sem que ela perca sua essência. Ou seja, a linguagem, enquanto modo de ser, dá possibilidade para o ser humano interpretar as coisas das mais diversificadas formas que estejam ao alcance de seu intelecto hermenêutico.

Para compreender este íterim argumentativo sobre a linguagem enquanto *medium* para a interpretação/compreensão nos debruçamos sobre o tema do preconceito. Este que por sua vez, trata das compreensões prévias que o ser humano possui acerca do entendimento das coisas do mundo.

Pois bem, o preconceito (*Vorurteil*) a partir da teoria filosófica do pensador alemão Hans-Georg Gadamer, que é o estudo sobre a interpretação/compreensão das coisas, isto é, a investigação do conceito da coisa para que depois essa tal coisa seja interpretada e compreendida no contexto linguístico do fenômeno da hermenêutica filosófica. “Ao revigorar o conceito de preconceito à luz do texto e da tradição no trabalho hermenêutico, Gadamer contribuiu decisivamente para atualizar a importância da tradição na constituição de saberes e das experiências” (LOPES; SILVA, 2014, p. 06). Tal afirmativa nos leva a notar o quanto a tradição se torna importante para a compreensão humana, por meio da experiência que o indivíduo faz com as coisas.

Além disso,

[...] de acordo com Gadamer, na sua origem o termo preconceito significava uma determinação judicial prévia, anterior à sentença definitiva, que poderia ser tanto a favor quanto prejudicial ao querelante, ainda que na maioria dos casos fosse prejudicial. Com isto, argumenta o filósofo, antes da depreciação realizada pela *Aufklärung*, o preconceito não significava de modo nenhum um juízo negativo, já que o que estava em jogo poderia ainda adquirir um valor positivo (SILVA, 2016, p. 22).

É possível perceber que a compreensão acontece no seio da linguagem a partir do preconceito estabelecido, pois o antecessor da palavra conceito é o “*pre*”, aquilo que vem antes, a antecipação. Já o conceito é utilizado em muitos casos no uso comum da terminologia da palavra. Então, o preconceito, nesse sentido, é positivo.

Por conseguinte, Gadamer afirma que “o conceito, assim como costumamos usar essa palavra, é o verdadeiro ser. Dizemos, por exemplo: ‘isto sim é um conceito de amigo’” (GADAMER, 2011, p. 95). Isso é para ressaltar que o próprio uso terminológico somente da palavra “conceito”, que também podemos chamar de “pré-juízos”, ou seja, um juízo prévio das coisas – pode ser o início da compreensão de uma determinada coisa em si. Mas nosso ideal aqui não é analisar sinteticamente as duas palavras separadamente, e sim a importância da palavra “preconceito” para a linguagem no agir interpretativo linguístico da hermenêutica

filosófica gadameriana, enquanto modo de ser do homem e em sua relação com os demais seres.

Por outro lado, percebemos que a linguagem não se fixa somente ao preconceito, ela se apresenta no mundo pelo viés filosófico hermenêutico como modo de ser do ser humano, pela capacidade perceptiva que o homem tem de interpretar as coisas assim como elas são. A afirmativa gadameriana nos mostra que a linguagem vai além do preconceito.

A linguagem não é somente isto. É a interpretação prévia pluriabrangente do mundo e por isso insubstituível. Antes de todo pensar crítico, filosófico-interativo, o mundo já sempre se nos apresenta numa interpretação feita pela linguagem. O mundo se articula para nós no aprendizado de uma língua, na assimilação da língua materna [...] (GADAMER, 2011, p. 97).

Notamos que a linguagem é significativa e, por isso, pode ir além das coisas interpretadas, porque ela é o evento do fenômeno da hermenêutica. Ela está no mundo, e o ser humano a utiliza para se comunicar, interpretar e compreender determinadas coisas ou acontecimentos.

Assim, a linguagem constitui no mundo e articula para o homem as coisas que é preciso aprender; “em suma, esse constante projetar de novo é o que perfaz o movimento semântico de compreender e de interpretar” (GADAMER, 2011, p. 75), como por exemplo, o contexto linguístico da língua vernácula, na qual o indivíduo está inserido; a comunidade humana. Isso, porque quem pretende conhecer uma nova língua e cultura, de fato, deve estar inserido naquele ambiente que não faz parte do seu, mas é propício para poder, assim, compreender o outro no seu contexto e *ethos* natural.

A partir do viés interpretativo filosófico do juízo prévio das coisas, parte-se da ideia de que a compreensão já seria uma antecipação daquilo que pode ser compreendido no que chamamos de “espaço linguístico” de um determinado texto. Para que isso seja possível, existem alguns preconceitos como o preconceito da “perfeição” analisado por Gadamer, assim como o apresenta Josef Bleicher (1980, p. 156)

Um preconceito que Gadamer analisa é o da perfeição, em que os elementos formais e materiais se fundem na compreensão do contexto de um texto – que presumimos antecipadamente estar unificado por um único sentido e ser verdadeiro. Evidentemente que nos interessa o conteúdo de um texto e não a opinião do autor enquanto tal.

Dessa maneira, nota-se a importância da linguagem por meio da hermenêutica filosófica enquanto interpretação, sendo que o preconceito seria uma visão antecipada na qual

o intérprete, em algumas ocasiões, a utiliza para tentar entender o que está em jogo no processo da compreensão.

Por conseguinte, “o intérprete tem primeiro, consciência de uma distância entre o texto e o seu próprio horizonte, que leva, no processo de compreensão, a um novo horizonte compreensivo que transcende a questão e os preconceitos iniciais. A experiência efetuada no processo que conduz a uma nova compreensão é de caráter hermenêutico” (BLEICHER, 1980, p. 159), ou seja, se dá de maneira que o indivíduo possa, de fato, antecipar o juízo prévio daquilo que irá interpretar.

Toda nova experiência que se tem entre a distância propiciada entre o texto e seu horizonte – passado e presente –, é e deve ser de cunho interpretativo/compreensivo, porque interpretar requer um amadurecimento hermenêutico e deve superar todo e qualquer tipo de preconceito inicial que se tem de um texto. O amadurecimento hermenêutico seria uma forma de dizer que “pode se aprender a noção de que uma conversa sempre mostra novas expectativas e que, portanto, ela nunca pode ser a última palavra” (OBRIST, 2010, p. 18). Vale ressaltar que o interpretar requer compreender o período para o qual uma determinada coisa está sendo interpretada e, no caso do texto, dizer na linguagem que seu intérprete está culturalmente inserido.

Com isso, o modo de ser do fenômeno da linguagem é o que busca compreender hermeneuticamente o texto, o contexto e o pretexto, isto é, a intenção de tudo que está inserido na base interna do conteúdo a ser interpretado pelo leitor.

Para Gadamer (2011, p. 75):

Quem quiser compreender um texto deverá sempre realizar um projeto. [...] A compreensão daquilo que está no texto consiste na elaboração desse projeto prévio, que sofre uma constante revisão à medida que aprofunda e amplia o sentido do texto. [...] a interpretação começa com conceitos prévios substituídos depois por conceitos mais adequados.

Esses conceitos prévios a serem interpretados/compreendidos requerem uma boa revisão para que, dessa forma, o texto possa encontrar seu verdadeiro sentido. Segundo Renata Ramos da Silva, “é preciso investigar o fenômeno da compreensão buscando elucidar como é possível uma tal compreensão que se considere a si mesma enquanto parte daquilo mesmo que visa compreender” (SILVA, 2016, p. 26), ou seja, compreender previamente para poder executar com maestria o projeto que foi elaborado.

Para isso, os conceitos adequados devem permanecer com a sua essência a partir daquele que vai interpretar. Toda forma de linguagem que for utilizada para interpretar,

portanto, deve ser usada de maneira adequada, porque “a linguagem contém muitas afirmações que não são diretamente verbalizadas” (OBRIST, 2010, p. 14), e é preciso que, no evento do fenômeno da hermenêutica, seja explicada com a verbalização correta que o texto apresenta nas suas entre-linhas.

O preconceito, a partir da filosofia gadameriana, sobretudo, pelo fio condutor da linguagem, é uma forma de como o acontecer linguístico se dá no advento da interpretação/compreensão das coisas que estão para o ser humano, e por assim dizer, de como a linguagem contribui para o homem e para seu modo de ser.

Nesse intuito, o preconceito se torna importante para a interpretação das coisas, porque o conceito prévio proporciona ao indivíduo os meios corretos para poder, posteriormente, transmitir com legitimidade o que se quer, principalmente, no que se refere ao texto de uma determinada época.

Esse processo hermenêutico nos ensina que “quem quiser compreender um texto está, ao contrário, [...] disposto a deixar que ele diga alguma coisa” (GADAMER, 2011, p. 76), e não devendo se prender no que “se acha” sobre ele. O texto em si tem muito a dizer a partir de sua interpretação correta, sendo que, por esse meio, é possível “demonstrar que é na linguagem própria a toda compreensão que o acontecimento hermenêutico traça seu caminho” (GADAMER, 2011, p. 81), isto é, que a interpretação encontra seu real sentido para que o intérprete possa transmitir corretamente a coisa – texto – a ser interpretada. De certa maneira,

qualquer interpretação que façamos somente será possível devido às pré-compreensões que temos acerca da coisa em questão. Nesse sentido, aquilo que é interpretado, para tanto, tem de ser antes “compreendido”. Assim, o processo de compreender sempre já se encontra nesse movimento de remissão e explicitação de sentidos pré-estabelecidos [...] (SILVA, 2017, p. 28).

Todas as compreensões prévias deverão ser passíveis das coisas em questão, ou seja, deve-se estabelecer meios pelos quais o ser humano possa compreender esse movimento especulativo da compreensão, de tal forma que os sentidos já pré-estabelecidos possam ser explicados.

Portanto, a linguagem do preconceito, a partir da hermenêutica filosófica gadameriana, é uma das maneiras pela qual o ser humano, em seu modo de ser e com seus conceitos prévios sobre as coisas, pode interpretar e compreender corretamente, porque “o processo de compreensão representa o acontecimento da linguagem” (GADAMER, 2011, p. 216). Sendo assim, o processo do fenômeno da linguagem se torna o evento para a interpretação das coisas.

Seguindo nossa esteira argumentativa, nos debruçaremos sobre a importância da tradição da linguagem filosófica gadameriana a partir do círculo hermenêutico. “O círculo hermenêutico implica que não podemos compreender uma sentença completa até termos compreendido as partes, mas não podemos compreender as partes, o significado específico de uma palavra, até termos compreendido a sentença completa” (SCHMIDT, 2014, P. 31). O círculo hermenêutico, no que se refere à tradição pelo fio condutor da linguagem, nos ajuda a entender que ela se faz presente na compreensão do todo e na relação com suas partes. Nesse caso, a tarefa da linguagem é nos ensinar que o processo para se interpretar um texto é compreender cada parte dele e, posteriormente, interpretá-lo com a forma pela qual esse fenômeno textual se apresenta para o seu intérprete a partir do todo.

É importante salientar que o acontecer do fenômeno da linguagem na tradição para o círculo hermenêutico nos ensina que o agir da linguagem, no referente à interpretação/compreensão das partes, encaminha, para o entendimento do todo.

De acordo com Gadamer, “quando se realiza a compreensão, o círculo do todo e das partes não se dissolve; alcança ao contrário sua realização” (GADAMER, 2015, p. 388). Tal afirmativa do autor nos mostra que o círculo hermenêutico, de certa forma, ajuda o homem no processo da interpretação/compreensão, isto é, da comunhão entre o entendimento do geral e do particular.

Gadamer assume e desenvolve o tema do círculo hermenêutico, mas é Heidegger em *Ser e Tempo* (2005), quem primeiro trata sobre o círculo da compreensão. Nessa obra, o autor afirma que “esse círculo da compreensão não é um cerco em que movimentasse qualquer tipo de conhecimento. Ele exprime a estrutura-prévia existencial, própria da presença” (HEIDEGGER, 2005, p. 210). Esse círculo se propõe a um entendimento do todo e da parte. Por isso que “o círculo da compreensão pertence à estrutura do sentido, cujo fenômeno tem suas raízes na constituição existencial da pre-sença” (HEIDEGGER, 2005, p. 210). Para Heidegger, o círculo tem uma característica fenomenológica da pré-compreensão. Poderíamos dizer que essa compreensão prévia estaria direcionada a um modo de ser do ser humano; a linguagem.

Portanto, o fenômeno linguístico que há aqui, a partir do círculo hermenêutico, é de que o evento da linguagem se torna indispensável para que o processo hermenêutico aconteça, ou seja, para que a interpretação alcance seu objetivo; a saber, transmitir a ideia textual e atualizá-la sem que ela perca a sua essência. “A seguinte circularidade encontrava-se envolvida entre esses dois princípios: as partes de um texto deveriam ser compreendidas a luz do todo do texto que, por sua vez, adquiria o seu sentido através das partes da compreensão

acumulativa de cada uma de suas partes individuais” (DUQUE-ESTRADA, 2010, p. 51). Desse jeito, entende-se que no evento da compreensão dá por meio do círculo, onde se entende as partes mediante o todo e vice-versa.

A afirmativa segundo o relato de Schmidt é de que, “no nível mais geral de um texto, o círculo hermenêutico significa: um texto específico, como o todo, só pode ser compreendido a partir de suas partes” (SCHMIDT, 2014, p. 31). Dessa maneira, podemos perceber que a linguagem se faz presente nas entrelinhas, porque esse fenômeno da interpretação, no que está relacionado à compreensão textual das partes e em sua relação ao todo, se apresenta sem que seja percebido. Isto é, ao interpretar/compreender, a linguagem possibilita que o evento do fenômeno hermenêutico aconteça, sobretudo, por causa do caráter significativo da linguagem utilizada pelo intérprete.

Provavelmente a ideia do círculo hermenêutico que apresentamos aqui a partir da linguagem no fio condutor da tradição hermenêutica gadameriana, divirja um pouco dos projetos de Schleiermacher², de Wilhelm Dilthey³ do apresentado por Heidegger.

Na analítica de Heidegger, portanto, o círculo hermenêutico ganha uma significação totalmente nova. A estrutura circular da compreensão manteve-se, na teoria que nos precedeu, sempre nos quadros de uma relação formal entre o individual e o todo ou de seu reflexo objetivo: a antecipação divinatória do todo e sua explicitação consequente no caso singular (GADAMER, 2011, p. 77).

Heidegger deu um grande salto quando trabalhou a questão do círculo enquanto forma de compreensão do todo e das partes, sobretudo, porque ele enaltece a estrutura circular; compreende-se, pois, cada explicação singular quando se chega à ideia da compreensão do coletivo. Assim, fica evidente esse novo significado apresentado pela filosofia heideggeriana.

Pretendemos, aqui, discorrer um pouco sobre o círculo hermenêutico enquanto proposta de uma filosofia que segue o fio condutor interpretativo da linguagem, sobretudo, para tratar do fenômeno da compreensão/interpretação ou em outras palavras, do caráter da linguagem enquanto caminho para o modo de ser do ser humano e em sua relação com as coisas que estão ao seu redor.

De certo modo, a linguagem está presente de maneira sem a qual possamos perceber na compreensão do todo em relação as suas partes. O contexto histórico de um autor e sua vida

² Gadamer relata que “Schleiermacher diferenciou esse círculo hermenêutico da parte e do todo, tanto no seu aspecto objetivo quanto subjetivo. Assim como a palavra singular pertence ao contexto da frase, também o texto singular pertence ao contexto da obra de seu autor” (GADAMER, 2011, p. 72).

³Dilthey vai falar de “estrutura” e de “centralização num ponto médio”, a partir de onde se dá a compreensão do todo (GADAMER, 2011, p. 72).

própria não permite que saibamos exatamente e de antemão os motivos que levaram ele a escrever ou a escolher determinados caminhos durante a formulação do texto. No entanto, aqui surge a importância da linguagem no referente ao evento do fenômeno da hermenêutica, para que se possa tentar compreender o que o autor quis escrever naquele momento, ou seja, a linguagem aparece para o intérprete quando ele encontra a ideia central do texto através de todas as partes que foram investigadas. Nisso, ele também consegue compreender cada parte porque chegou ao conhecimento da ideia do todo do texto.

Pensar no círculo hermenêutico é, primeiramente pensar como esse evento acontece. Para nós é salutar percebê-lo a partir da linguagem da tradição hermenêutica gadameriana, junto a sua manifestação por meio do fenômeno da linguagem enquanto interpretação e compreensão no modo de ser do ser humano. Segundo a concepção gadameriana:

A regra hermenêutica, segundo a qual devemos compreender o todo a partir do singular e o singular a partir do todo, provém da retórica antiga e foi transferido pela hermenêutica moderna, da arte de falar para a arte de compreender. Em ambos os casos, estamos às voltas com uma relação circular prévia. A antecipação de sentido comporta o todo, ganha uma compreensão explícita através do fato de as partes, determinadas pelo todo, determinarem por seu lado esse mesmo todo (GADAMER, 2011, p. 72).

A filosofia gadameriana, a partir do fio condutor do fenômeno da linguagem, aparece nessa análise do singular no que se refere ao seu todo. A tarefa da linguagem, aqui, é ser o caminho pelo qual o intérprete compreende cada parte – ressaltamos que a hermenêutica se dá enquanto evento do fenômeno da compreensão/interpretação – para que depois possa entender o todo e vice-versa. Dessa forma, a interpretação e compreensão textual aparecem explicitamente, fazendo com que o papel do intérprete tenha êxito.

A importância do círculo hermenêutico se dá de tal maneira que o intérprete chega à compreensão pelo fio condutor da hermenêutica, no referente ao todo a partir da investigação das partes, compondo assim o “corpo” de um texto. Como afirma Luiz Rohden: “o círculo hermenêutico é uma das formas de expressar a ‘estrutura’ da hermenêutica” (ROHDEN, 1999, p. 121), isto é, a forma com que ela se apresenta para o evento interpretativo e, similarmente, para o fenômeno da linguagem enquanto hermenêutica.

Isso tem um vasto significado, porque compreender o que um texto quer dizer requer um exercício hermenêutico do *logos*, isto é, saber como que a ideia central do texto trabalha no que se refere a cada parte individualmente, sem deixar que cada uma delas fuja da ideia principal do texto.

Nesse caso, “o sentido fundamental do círculo entre o todo e a parte” (GADAMER, 2011, p. 77) é o que forma o entendimento do texto em seu todo. É como se cada parte do texto fizesse parte de um quebra-cabeça: no jogo da montagem de um quebra-cabeça, cada peça se encaixa em um determinado local até se chegar à imagem final da montagem. No caso do intérprete do texto, entraria o uso de cada parte do texto até compreender o que todo o texto diz.

Desse jeito, percebemos que “só é compreensível aquilo que realmente apresenta uma unidade de sentido completa” (GADAMER, 2011, p. 77). Nessa relação interpretativa e compreensiva do todo e das partes, o fenômeno da linguagem aparece na forma com a qual o intérprete pode chegar ao cerne do que o todo do texto diz.

A tradição da linguagem no que se refere ao círculo hermenêutico surge na forma com que ela se manifesta através de seu uso pelo intérprete de um texto, isto é, provavelmente será necessário que o interpretante utilize de mecanismo para poder alcançar aquilo que se quer interpretar, sobretudo, em relação à parte e ao todo. Esse termo “mecanismo” tem a intenção de dizer que o interpretante se apropria da hermenêutica não como uma “ferramenta”, mas, sobretudo, enquanto caminho para o processo do fenômeno da interpretação.

Assim como relata as palavras de Renata Silva: “a regra do círculo rezava que as partes devem ser referentes ao todo, assim como o todo às partes, uma vez que o sentido deste é determinado pelo sentido daquelas e vice-versa” (SILVA, 2016, p. 31). Por isso, a compreensão está presente tanto em cada uma das partes quanto em relação ao todo.

Sendo assim, a linguagem acontece na investigação de cada parte até se chegar ao todo da compreensão. Pode-se interpretar o que se compreende, e se compreende algo pela investigação de cada parte para poder chegar à conclusão do todo. Para Schmidt, “precisamos começar a tarefa hermenêutica com uma visão geral, e então voltarmos para a interpretação gramatical e psicológica das partes” (SCHMIDT, 2014, p. 31-32), para que, com isso, possamos ter uma ideia do “universal” do texto.

3. LINGUAGEM FALADA E ESCRITA

A linguagem humana é um dos aspectos fundamentais para o desenvolvimento da compreensão, no que se refere à condição que dá possibilidade ao homem se relacionar com as demais coisas que estão presentes no mundo, a partir da interpretação que o mesmo estabelece enquanto *medium* para uma hermenêutica ontológica do fenômeno no acontecer, sobretudo, pelo fio condutor que tece a linguagem falada e escrita. “Nesse sentido que a Linguagem constitui um princípio ontológico da hermenêutica filosófica” (ROHDEN, 2000, p. 548), fazendo com que a linguagem seja o fio condutor para o processo do fenômeno do acontecer hermenêutico.

Desse modo, uma hermenêutica da interpretação e compreensão se torna importante no que se referente ao modo de ser do ser humano, na esteira argumentativa que busca facilitar a transmissão interpretativa textual da mensagem de forma coesa principalmente, no itinerário da linguagem escrita e da linguagem falada.

A linguagem “escrita é o que revela o verdadeiro poder da língua [...] e das experiências dos falantes” (BRAIDA, 2021, p. 173), ou seja, cada experiência vivenciada pelo ser humano, em uma determinada época e lugar, está de acordo com o que a língua local permite. Assim, os falantes conseguem se entender dentro do contexto no qual estão inseridos.

Gadamer afirma que: “na escrita a linguagem alcança sua verdadeira espiritualidade, pois, frente à tradição escrita, a consciência compreensiva alcançou sua plena soberania” (GADAMER, 2015, p. 506). Por isso, a escrita se torna um importante meio para a compreensão da história da humanidade. Não diferentemente disso, a interpretação da linguagem verbal acontece porque “a palavra falada se interpreta a si mesma, pelo modo de falar, o tom, a cadência” (GADAMER, 2002, p. 509), enfim, por tudo aquilo que podemos comunicar por meio não só da interpretação, mas também através do que ouvimos.

O autor alemão, Hans-George Gadamer, preocupou-se em mostrar que a hermenêutica está presente na vida do ser humano e em tudo que o homem faz ao longo da vida. No decorrer de toda a existência humana, cada indivíduo vai aprendendo novas coisas, como escrever, falar, pensar, e refletir, para que consiga interpretar corretamente. Segundo Rohden (2008, p. 55):

Interpretar e compreender significa compreender-se diante do texto que pode ser o contexto em que nos encontramos ou as obras que produzimos. A leitura filosófica contextualiza-se no tempo e no espaço, sem prender a uma dessas margens. Com a leitura filosófica não procuramos apenas adquirir informações sobre algo, mas instaurarmos experiências autênticas de sentido do ser que diz de várias maneiras.

Interpretar requer, de modo especial, sempre um cuidado com a coisa a ser interpretada. Isto é válido, sobretudo, quando se refere à hermenêutica filosófica, pois, a leitura filosófica é uma forma de contextualização para o processo de compreensão. Por isso, é importante entender que o ser pode se dizer de várias maneiras. Isto é, compreende-se o ser da linguagem por meio da experiência humana no mundo.

Outro exemplo que podemos apresentar é quando encontramos em um poema duas formas de linguagem: a da escrita e a da fala. Através da fala “podemos compreender e vivenciar melhor (em geral) um poema, p. ex., quando ouvimos alguém declamá-lo” (ROHDEN, 2002, p. 217). Quando uma pessoa recita um poema, ela faz com que dele emane toda a vivência que o autor quis transmitir. E, pela linguagem da escrita, percebemos que “a leitura de um texto é sempre histórica e, concomitantemente, é um esforço para se distanciar do seu tempo” (ROHDEN, 2002, p. 231) sendo que esse distanciamento acontece pelo *medium* interpretativo da compreensão.

Em vista disso, a linguagem proporcionada através da escrita de um poema requer sempre um desdobramento maior para podermos compreender a sensibilidade transmitida pelo escritor. Isso tudo, porque é preciso entender o tempo, o espaço e o lugar onde o texto foi escrito.

Nessa segunda parte da pesquisa, pelo fio condutor tecido pela filosofia gadameriana, nos debruçaremos nos aspectos fundamentais da hermenêutica a partir da linguagem falada e escrita, posteriormente, abordar a ideia de que há uma maneira estabelecida para acontecer a interpretação/compreensão correta das coisas.

Ainda, ressaltaremos o acontecimento linguístico enquanto fenômeno da ontologia hermenêutica que nos proporcionará refletir que a linguagem é um meio que nos encaminha para a compreensão das coisas humanas que estão presentes no mundo. Portanto, é notável que o fenômeno da linguagem é o modo de ser do ser humano.

3.1 O caráter dialógico da linguagem: entre a linguagem falada e escrita

O signo linguístico é de grande valor para a comunicação da linguagem escrita. Ele se faz necessário para que o ser humano aprenda a se comunicar desde os primeiros passos no percurso da aprendizagem. É importante compreender que, aqui, a expressão “signo linguístico” exprime que “o próprio discurso participa da idealidade pura do sentido que se comunica nele” (GADAMER, 2015, p. 508), porque todo signo que pode ser comunicado deve fazer algum sentido.

Isso consiste em dizer que a hermenêutica já vem fazendo parte da vida humana desde os primeiros anos da história de um homem, quando ele começa a rascunhar os primeiros traços de sua língua vernácula. Durante a trajetória da vida, nós vamos ampliando nosso saber e, por conseguinte, elaborando com ele, de maneira mais clara, nossos signos. “Para Gadamer, todas as atividades humanas possuem a seguinte dimensão hermenêutica: elas estão fundadas nos acordos e convenções que se realizam na linguagem, que por sua vez, está em constante processo de mudança” (PEREIRA, 2015, p. 158). Isto é, toda forma de comunicação humana é um processo que se realiza na e pela linguagem.

Vale ressaltar que “a linguagem dos signos da escrita refere-se à verdadeira linguagem do discurso” (GADAMER, 2015, p. 507). Por isso que o signo linguístico da escrita é tão importante para compreender uma determinada coisa e sua época, sobretudo, pelo fato de que ele, na interpretação de algo do passado, é de suma importância para compreender contemporaneamente o que foi relatado.

Para a filosofia – e de forma imprescindível – a escrita é um jeito que nós seres humanos temos de saber que o percurso da “tradição da escrita não é apenas uma parte de um mundo passado, mas já sempre se elevou acima deste, na esfera do sentido que ela enuncia” (GADAMER, 2015, p. 505).

Compreendemos isso quando nos deparamos com um escrito no jogo entre passado e presente. Ou seja, quando nos é apresentado um texto escrito há vários anos ou até mesmo há séculos, ficamos diante de um período que foi importante para a história da humanidade e que, agora, temos a preocupação de tentar interpretar/compreender o que o texto quer nos dizer, para que foi escrito, qual foi a intenção do autor e como é que nós podemos nos apropriar dele e trazer a reflexão para a época na qual vivemos.

A escrita de livros e de outros textos foi e é um dos mais importantes meios que a humanidade possui para registrar uma determinada época da vida através da história. Aqui entra a relevância da hermenêutica enquanto forma de relacionar passado e presente – o termo gadameriano “fusão de horizontes” –, a partir do fio condutor do fenômeno da interpretação e da compreensão dos textos das mais diversas formas e das mais variadas ocasiões da vida humana.

Toda escrita tem sempre um pretexto por detrás do que foi relatado. A ideia que é escrita em um texto/livro tem a intenção de transmitir um conteúdo mais elaborado e respaldado com uma boa fundamentação. Isso se dará de maneira que o autor possa, de fato, expressar suas ideias através daquilo que escreverá.

O campo da filosofia, principalmente, no que se refere a determinadas teorias tem como objetivo e intencionalidade o acordo com o que foi vivido ou com aquilo que, provavelmente, ainda está para acontecer.

As ciências humanas, por sua vez, têm a preocupação de refletir sobre os problemas do ser humano e da sua complexidade.

Nós aqui, nos debruçamos na filosofia gadameriana esperando ser conduzidos a pensar uma hermenêutica a partir do fenômeno da linguagem falada e suas implicações fenomênicas e epistemológicas, para buscar compreender o homem em seu modo de ser, na sua relação com as coisas e com tudo que está a sua volta. Para Gadamer, “de fato, todo escrito é por excelência objeto da hermenêutica” (GADAMER, 2015, p. 511). Por isso que a hermenêutica filosófica interpreta corretamente o verdadeiro sentido das coisas.

A filosofia hermenêutica de Gadamer nos propicia refletir sobre o problema do fenômeno da linguagem a partir de uma hermenêutica da interpretação/compreensão, para pensarmos na maneira através da qual temos possibilidade de buscar, no evento do fenômeno hermenêutico, a relação no processo intercomunicativo, do passado para o presente, e sua importância para o compreender da linguisticidade em relação ao modo ser do homem. Vale lembrar que no processo intercomunicativo está presente a constante imbricação entre passado e o presente, ou seja, a comunicação do passado no presente, com uma linguagem atualizada, que não deve deixar o texto perder o sentido original.

Para Lawn, “o passado e o presente, tem horizontes que podem ser juntados produtivamente” (LAWN, 2011, p. 93). Essa junção de ambos nos leva a crer que, independentemente da época na qual o texto foi escrito, é sempre possível que ele seja atualizado. Isso vale para qualquer texto, em qualquer língua. Da mesma forma, é possível uma hermenêutica reflexiva, posta como percurso interpretativo das coisas que estão ao redor do ser humano e das suas preocupações vivenciadas no decorrer do dia a dia. É legítimo dizer que:

na escrita a linguagem se liberta do ato de sua realização. Na forma da escrita todo o transmitido está simultaneamente presente em qualquer atualidade. Nela se dá uma coexistência de passado e presente única em seu gênero, na medida em que a consciência presente tem possibilidade de um acesso livre a tudo quanto tenha sido transmitido por escrito (GADAMER, 2002, p. 505).

Por isso que a linguagem da escrita tem esse “poder” de fazer o passado chegar ao presente em forma de relato, além de possibilitar a liberdade para uma interpretação coerente daquilo que o autor quis ou quer dizer. Em vista disso, o itinerário da hermenêutica a partir do

fio condutor que norteia o pensamento filosófico de Gadamer, e também do modo de ser do ser humano, enquanto ser constituído de linguagem se faz necessário para que o indivíduo possa interpretar/compreender as coisas de forma adequada e como foram apresentadas anteriormente.

A filosofia empregada a partir do pensamento filosófico gadameriano, especialmente, naquilo que estamos nos propondo a estudar sobre a linguagem como itinerário hermenêutico para podermos refletir ou pensar a linguagem da escrita também se dá inteiramente pelo processo do fenômeno da hermenêutica como interpretação das coisas.

Uma vez que trabalhamos com a ideia de que a linguagem da escrita, que encontramos através dos textos e dos livros, é fundamentalmente importante para podermos pensar em uma hermenêutica que está presente pelo viés da interpretação/compreensão podemos concordar com Gadamer (2002, p.507).

Na verdade, a escrita ocupa o centro do fenômeno hermenêutico, na medida em que, graças ao escrito, o texto adquire uma existência autônoma, independente do escritor ou do autor, e do endereço concreto de um destinatário ou leitor. De certo modo, o que é fixado por escrito se eleva aos olhos de todos para uma esfera de sentido na qual pode participar todo aquele que esteja em condições de ler.

Todo escrito tem, por excelência, o que Gadamer chamou de “cânon hermenêutico” (GADAMER, 2015, p. 511), ou seja, todo escrito tem uma intencionalidade, pois sempre quando escrevemos uma determinada coisa – livro ou texto –, não fazemos simplesmente por fazer, mas porque temos um propósito e almejamos alcançá-lo.

O processo hermenêutico, tecido pelo fio condutor da linguagem falada, dar-se-á também quando, de fato, entendermos que o papel da hermenêutica é transformar o escrito em realidade – interpretando/compreendendo – como ocorre, por exemplo, na interpretação exegética da bíblia sagrada.

Isso porque o intérprete do texto sagrado deve preocupar-se em trazer à luz o divino, clarificando e “dando vida” ao Sagrado. Por isso, “a palavra divina traz o ser nomeado para a existência” (SCHMIDT, 2014, p. 171). Esse é o caso do cristianismo que, através da interpretação da bíblia, torna a pessoa de Jesus Cristo “real” e esclarecida. E esse acontecimento se dá por meio da leitura interpretativa textual da bíblia, a partir das pessoas responsáveis por interpretar.

O que acontece no caso da interpretação dos textos da Sagrada Escritura é o que o Gadamer propõe a partir do fenômeno da sua hermenêutica filosófica da linguagem; a saber: o evento da interpretação/compreensão das coisas.

De modo geral, “o escrito é a idealidade abstrata da linguagem” (GADAMER, 2015, p. 508) e, dessa forma, a linguagem enquanto fenômeno hermenêutico acontece como interpretação dos textos escritos nas mais diversas línguas existentes no mundo. Isso ocorre com o próprio texto Sagrado, e às várias traduções da bíblia espelhados entre os países, cuja predominância é a manifestação religiosa de matriz ligada ao cristianismo.

Se pararmos para analisar as formas de escrita das línguas existentes no mundo, perceberemos que cada uma delas, possui as suas particularidades. Seja observando à língua portuguesa, a espanhola, a grega, a hebraica, a inglesa ou outras quaisquer, notaremos formas particulares de escrita – fonética, sintática e demais distinções –, ou seja, o indivíduo que nasce em um determinado país deverá aprender a escrever em sua língua vernácula. Gadamer afirma que “na essência da linguagem reside inicialmente o milagre enigmático da denominação e da significação do nome” (GADAMER, 2007, p. 12). No entanto, o ser humano não está exímio de aprender outra forma de escrita em uma língua oposta à sua. E, na aprendizagem de uma nova língua, sobretudo, no que se refere à escrita, logo o processo de tradução já não será mais um obstáculo.

Para aprender a traduzir de uma língua para outra é necessário trazer o texto de outro contexto e compreendê-lo em uma cultura diferente da qual foi escrito. O relato gadameriano nos leva a perceber que, “o tradutor precisa transpor o sentido a ser compreendido para o contexto do interlocutor” (GADAMER, 2015, p. 498), possibilitando o ouvinte compreender o que o texto quis ou quer transmitir. Por isso, que “toda tradução já é interpretação” (GADAMER, 2015, p. 498). Traduzir, nos leva a interpretar e a dar sentido às palavras em um contexto diferente do original.

Ao nos defrontarmos, então, com uma língua traduzida para outra, certamente estaremos diante de uma cultura totalmente diferente e que não é a nossa, mas mesmo assim, poderemos compreender a partir da tradução proporcionada pelo horizonte proposto pelo do intérprete.

Considerando que o modo de ser da linguagem escrita é importante para que possamos compreender o que aconteceu em uma determinada época, precisamos saber interpretar corretamente o que o autor do texto quis dizer, sendo que, para interpretar o que está escrito em um texto antigo, é necessário deixar que o todo do texto possa nos dizer qual é a sua intencionalidade. Isto é, primeiramente devemos analisar para depois interpretar/compreender. Aqui entra em cotejo o fenômeno hermenêutico. Gadamer nos ensina sobre o dito no não-dito do texto, o que o texto diz naquilo que está implícito nas suas entrelinhas, ou seja, Gadamer nos ensina sobre o processo de “revelar” o que o texto diz.

A linguagem escrita, na qual acontece por meio das coisas que estão escritas nos textos e livros, serve de suporte para que possamos compreender os eventos que aconteceram anteriormente. Os textos sagrados, os literários/poéticos e tantos outros nos ensinam que precisamos da linguagem da escrita para entender o modo de ser do ser humano no decorrer da história; e eles também, servem para que a história continue sendo contada.

Portanto, é importante ressaltar que a linguagem escrita ajuda o ser humano a entender o passado para poder compreender o presente. Em uma linguagem gadameriana, dizemos que é preciso compreender a vida, isto é, o acontecer do fenômeno hermenêutico.

Já o caráter dialógico da linguagem falada nos possibilita uma contribuição no que se refere à interpretação das coisas pelo viés da língua falada, pois a fala acontece por meio da conversação entre duas pessoas. Então, é imprescindível que, no diálogo, exista o respeito no direito de falar do outro para que o fenômeno linguístico da hermenêutica possa acontecer.

Compreendemos de maneira mais adequada uma pessoa quando nos encontramos com ela num diálogo sabendo sempre que “acolher é ouvir, receber, procurar captar, compreendendo o que o outro diz ou quis dizer num determinado momento” (ROHDEN, 2002, p. 207). Isso acontece de forma que cada um dos parceiros possa saber utilizar os mecanismos apresentados dentro daquilo que o outro disse ou quis dizer.

Poderíamos dizer que esse evento se dá por meio da linguagem, num procedimento de dialogar com o outro que é diferente da gente. Nesse sentido, o outro pode ser interpretado/compreendido na maneira pela qual ele se comunica, na forma como articula suas palavras e como se coloca diante de uma determinada situação que é propiciada pela vida.

Na filosofia de Gadamer, a interpretação dialógica surge da relação com o outro, a partir do que é falado e do que é ouvido. A pergunta que surge é: como é que podemos encontrar o fenômeno hermenêutico a partir do fio condutor tecido pela linguagem falada?

Segundo a filosofia gadameriana: “a palavra falada interpreta a si mesma” (GADAMER, 2015, p. 509), sobretudo, no referente a um diálogo, que só acontece porque existem os falantes dele. Num diálogo, os parceiros vão se entendendo, e, cada vez mais, vai ficando perceptível que ambos estão compreendendo o que o outro diz. Numa linguagem hermenêutica, dizemos que a interpretação/compreensão linguística falada teve êxito, e aconteceu, porque o outro foi entendido e o diálogo foi satisfatório.

Vale ressaltar que a linguagem expressada através do ato da fala evoca tudo o que o ser humano, em seu modo de ser e de agir, interpreta/compreende das coisas. Numa

conversa entre dois parceiros, cada um apresenta o seu horizonte e comunica tudo o que sabe. Posteriormente, o mesmo acontecerá com o outro parceiro do diálogo.

Tanto no ato de falar quanto no de ouvir, é preciso que ambos os falantes saibam o tempo correto de falar e de escutar. Não podendo, assim, haver interrupção, pois quando um falar o outro deverá ouvir. Dessa maneira, como afirma Celso Braida, “a linguagem é o elemento que permite um pôr-se em acordo dos diferentes sem que a sua diferença precise ser eliminada” (BRAIDA, 2021, p. 176). Com isso, torna-se possível compreender o que o outro disse sem precisar de interrupção de ambos os falantes. Cada um respeitando o espaço do outro.

Através da fala, o ser humano adquire novas formas de conhecimento das coisas, como na afirmação: “é em palavras que se manifesta e encarna o desejo humano natural de conhecer” (ROHDEN, 2000, p. 548). O ser humano tem esse anseio de sempre aprender coisas novas, e na conversa através do diálogo com o outro que é diferente do eu, o homem entra em um horizonte diferente do seu habitual, conhecendo e vendo novas formas de conceber e compreender a vida e o mundo.

“Ao enfatizar o diálogo, Gadamer quer fazer ver que a linguagem é o lugar do entendimento mútuo e que esse entendimento é onde aparece o verdadeiro ser da linguisticidade que nos constitui ao permitir que diferentes se entendam” (BRAIDA, 2021, p. 177). Quer dizer que os diferentes podem se entender mutuamente através da linguagem satisfatória.

Por meio da linguagem falada, isto é, da palavra falada, o ser humano anseia conhecer o que é diferente de seu ambiente. Exemplo disso é conversar com outra pessoa numa língua diferente da nossa. Mesmo não o entendendo, há um anseio em querer compreender o que o outro quer dizer em sua língua vernácula. “Por isso, aprender uma língua estrangeira implica experienciar o alargamento do próprio ponto de vista e conquistar um novo” (ROHDEN, 2000, p. 255). Dessa forma, a aprendizagem de uma língua estrangeira nos dá possibilidade de conhecer o horizonte do outro com o qual estamos falando, para poder compreender/interpretar o que o outro nos diz.

Outro exemplo é “o fato de que algo esteja numa língua estrangeira significa apenas um agravamento da dificuldade hermenêutica, ou seja, um agravamento de sua estranheza e superação” (GADAMER, 2015, 501). Não é algo simples compreender o outro em sua língua original, e isso nos causa certa estranheza, mas é possível superar isso através da aprendizagem dessa língua. Aprender uma nova língua permite dialogar com o outro em uma linguagem diferente daquela da língua materna.

Por conseguinte, a linguagem falada acontece por meio do diálogo entre duas pessoas numa conversa, pois, o ato da fala é uma “ferramenta” humana que auxilia o homem a se comunicar, e “o todo do diálogo é condicionado e emerge da tensão unitária entre ouvir e falar que acontece entre os parceiros ou o parceiro e suas circunstâncias” (ROHDEN, 2002, p. 213). No ouvir e no falar está presente a comunicação humana pelo *medium* da linguagem interpretativa da hermenêutica. “Ouvir o que o outro tem a nos dizer é condição *sine qua non* do acontecer da linguagem” (ROHDEN, 2008, p. 25), isto é, a linguagem acontecendo enquanto fenômeno da escuta na relação dos falantes através do uso da linguisticidade.

Como sabemos, a fala tem em sua forma uma força que é capaz de criar as coisas. Como exemplo, podemos apresentar o nome que é dado a todas as coisas, porque “a palavra só é palavra em virtude do que nela vem à fala. Só se faz presente em seu próprio ser sensível para subsumir-se no que é dito” (GADAMER, 2015, p. 613), ou seja, as coisas só “ganham vida” a partir do nome que elas recebem.

A saber, ela está presente na ação divina criadora do mundo e, posteriormente, segundo o cristianismo, Deus cria as coisas – plantas, animais, ser humano – através da palavra. Com efeito, “de princípio, a criação acontece pela palavra de Deus. Assim, os primeiros padres da Igreja já falam do milagre da linguagem para poder pensar o pensamento tão pouco grego, que é a criação” (GADAMER, 2015, p. 542).

Na bíblia cristã no livro do Gênesis⁴ 1, 1-31, Deus cria o mundo e todas as demais coisas existentes na terra. Desse modo, percebemos a presença e a ação da palavra falada na criação e origem do mundo.

Em outro evento do cristianismo, a Palavra se faz presente no meio da humanidade enquanto carne, ou seja, Deus “oferta” seu Filho para redimir o homem do pecado. Percebemos dessa maneira que a ação divina através da fala pode criar. Para nós, o importante aqui é compreender que a palavra falada acontece porque Deus, em sua Onipotência, cria as coisas que existem no mundo por meio da entonação da voz – palavra falada. Por isso, a linguagem falada se torna imprescindível para a interpretação/compreensão.

Segundo a afirmação gadameriana, “de certo modo, o caráter ontológico da palavra é o acontecer” (GADAMER, 2015, p. 545); e a palavra falada dar-se-ia enquanto comunicação humana, por meio do fenômeno hermenêutico. Na linguagem falada, a palavra “ganha vida” e, por isso, ela é indispensável para o ser humano. No entanto, nossa intenção é ressaltar sobre a palavra como princípio da criação, a palavra tornada “Carne” para enaltecer

⁴ Cf. Bíblia de Jerusalém, 2010.

que a linguagem falada está presente enquanto fala desde o princípio da vida – segundo o cristianismo –, e que ela propicia ao ser humano seu modo de ser, interpretar/compreender a vida e o mundo.

Ao dizermos, no presente contexto, que a compreensão é “linguística”, isso não significaria submetê-la aos domínios daquela disciplina científica que investiga objetivamente suas potencialidades, desdobramentos e nuances expressivas. Trata-se muito mais de identificar que essas se dão em meio a um evento de linguagem (MERTENS-KAHLMEYER, 2017, p. 126).

A compreensão no contexto linguístico trata de identificar o real sentido apresentado a partir do evento da linguagem. Este evento é o que torna possível entender o que a hermenêutica filosófica nos apresenta; a saber, interpretação/compreensão.

O acontecer do fenômeno hermenêutico na linguagem como *medium* para interpretar está arraigado também na forma como Jesus Cristo falava com seus discípulos e seguidores. Segundo Palmer, “Cristo ao relatar a sua morte com a esperança num Messias, relaciona este acontecimento histórico com as esperanças pessoais e intenções de seus ouvintes” (PALMER, 1969, p. 34). Esse evento está presente, sobretudo, no Novo Testamento da bíblia cristã, com maior ênfase nos Evangelhos. Quando era confrontado, desafiado e colocado à prova por aqueles que não acreditavam Nele enquanto o Filho de Deus, Cristo, conversava com seus Apóstolos e os ensinava através das parábolas e por meio de profecias.

Como exemplo, podemos citar a passagem bíblica que contém a parábola do semeador e que pode ser encontrada no Evangelho de Mateus 13, 3-9⁵:

Jesus falou muitas coisas por parábolas, dizendo: “O semeador saiu para semear. Enquanto lançava a semente, parte caiu à beira do caminho, e as aves vieram e a comeram. Parte dela caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra, e logo brotou, porque a terra não era profunda. Mas, quando caiu o sol, as plantas se queimaram e secaram, porque não tinham raiz. Outra parte caiu por meio dos espinhos, que cresceram e sufocaram as plantas. Outra ainda caiu em boa terra, deu boa colheita, a cem, sessenta e trinta por um” (BÍBLIA, 2010, p. 1727).

A hermenêutica que está presente no relato da exortação de Jesus Cristo ao seu povo, quando Ele ensinava que a semente deveria ser lançada em terra fecunda, é para enaltecer que cada um de seus discípulos/seguidores deveria “plantar” a sua fé em terra boa e fértil. Dessa maneira, as raízes ficam bem alicerçadas e, mesmo que venham as fortes tempestades, mesmo que o sol seja muito forte, mesmo que os espinhos tentem sufocar, o indivíduo permanecerá firme e, provavelmente, passará pelas adversidades que por ventura aparecerem no decorrer da sua vida.

⁵ Essa passagem também pode ser encontrada nos Evangelhos de Marcos e Lucas. Cf. Bíblia de Jerusalém, 2010.

Novamente percebemos que a palavra falada tem uma grande força criadora. E isso é possível porque a linguagem presente no discurso de Jesus aos seus discípulos e seguidores tem um teor pedagógico para que seus fiéis possam compreender que Ele não está falando apenas em plantar uma semente enquanto matéria física, mas que a fé do cristão deve ter as raízes profundas e, quando lançada em terra fecunda, vencerá as dificuldades que estão presentes na vida do ser humano. Notamos, portanto, que a linguagem pronunciada através da fala de Jesus Cristo aos seus ouvintes é para proporcionar uma reflexão sobre o caminho pelo qual o cristão deve continuar seguindo em frente e fortalecendo a sua fé.

Com efeito, é perceptível que a linguagem falada é um dos meios pelo qual nós, seres humanos, encontramos o horizonte do outro no que se refere à conversação. Por isso, “precisamos sair do nosso mundo e deixar que o outro [...] entre em nosso horizonte, de modo a sermos levados a refletir sobre nossa forma de pensar e de agir” (ROHDEN, 2008, p. 25), porque todas as nossas ações num diálogo devem nos conduzir para uma autorreflexão. Compreendemo-lo e, posteriormente, devemos nos deixar sermos compreendidos também.

Nesse caso, falar ao outro é deixar que o outro também nos fale⁶. Assim, acontecerá um diálogo com o qual os parceiros podem se interpretar e, cada um, apresentar seu horizonte, constituído através da sua experiência com o mundo.

A linguagem falada também consiste no intercâmbio da pergunta e da resposta, pois uma conversa se desenvolve, sobretudo, pelo fato de que o outro é diferente do meu eu. Nesse diferente, provavelmente, surgirá alguma pergunta sobre uma determinada coisa a ser discutida, e que o “eu” necessariamente responderá e vice-versa. Por isso, que “o diálogo se constitui no intercâmbio entre pergunta e resposta, palavras e sentenças” (ROHDEN, 2000, p. 200), sendo que, no ato de perguntar, é esperada uma resposta; e, a partir da pergunta dada, poderá vir uma nova pergunta, dependendo do desenvolvimento proporcionado através do diálogo.

Sendo assim, o perguntar e o responder exigem que a conversação seja natural, isto é, que os parceiros ouçam o que o outro diz no diálogo. Isso implica ressaltar que “só quem ouve pode dialogar. Só dialoga com quem não monopoliza a palavra” (ROHDEN, 2000, p. 202). Essa afirmação nos mostra que não escutar o que o outro diz ou tentar monopolizar a palavra seria uma forma de aprisionamento da linguagem e distorção do seu

⁶ É notável que “acolher significa ouvir, receber, procurar captar o que o outro diz ou quis dizer num determinado momento. Ouvir o outro não significa anular-se ao ouvi-lo ou realizar necessariamente o que pede ou diz. Acolher significa abrir-se ao outro, compreendê-lo em seu horizonte e reconhecer a própria disposição de acatar (ou não) um argumento diferente ou até oposto ao seu” (ROHDEN, 2004, p. 195). Quando escutamos o que o outro diz, compreendemo-lo a partir de seu horizonte.

real sentido transformando a linguagem numa incapacidade dialógica de interpretar/compreender o que o outro diz ou quer dizer através do seu horizonte comunicativo.

O evento do fenômeno hermenêutico se dá na forma de interpretação das coisas e é o modo de ser do ser humano a partir do fio condutor da linguagem. Isso para nós que estamos trabalhando com a linguagem dialógica, ou seja, pensando como é que podemos compreender o horizonte⁷ do outro, que é diferente do nosso, a partir do diálogo.

De acordo com Jean Grondin (1999, p. 207):

Somente na conversação, no encontro com pessoas que pensam diferentemente, podendo habilitar em nós mesmos, podemos esperar chegar além da limitação de nossos eventuais horizontes. Por isso a filosofia hermenêutica não conhece nenhum princípio mais elevado do que a conversação.

Sabemos que a conversação flui, sobretudo, a partir da compreensão do horizonte do outro. Nesse intuito, compreender o outro é uma tarefa que acontece através do diálogo. E, dialogicamente falando numa linguagem gadameriana, encontramos no outro algo de novo que ainda não encontramos em nós mesmos.

Segundo o pensamento de Gadamer, relatado nas palavras de Hans Ulrich Obrist, “o começo de uma conversa é a primeira coisa feita. Parto do princípio de que [...] se queremos entender o que uma coisa significa, devemos entender o que é falar, precisamos saber que significa responder e perguntar” (OBRIST, 2010, p. 12), para não cair no erro da má compreensão daquilo que de fato é para se dizer sobre uma determinada coisa.

Sendo assim, “no falar e no conversar mutuamente edificam-se o mundo e a experiência de mundo feita pelas pessoas” (GRONDIN, 2012, p. 367). Por isso que cada ser humano é único no seu modo de falar, de agir, de pensar, de perguntar, de se relacionar. Enfim, cada um tem seu jeito próprio de estar-no-mundo e de interpretar as coisas que estão postas ao seu alcance.

3.2 Ontologia hermenêutica da linguagem enquanto compreensão

A linguagem é *medium* da interpretação/compreensão enquanto modo de lidar com as coisas em geral. Isso, porque “a linguagem mesma é o *medium* onde o ser se efetiva ao filosofar, dentro das condições e exigência colocada, em todo tempo, lugar; daí porque a ontologia é universal” (ROHDEN, 2002, p. 287). Já o diálogo acontece enquanto experiência

⁷ Nesse sentido, como atesta a experiência hermenêutica, a compreensão reenvia à alteridade, ao horizonte do outro (ALMEIDA; FLICKINGER; ROHDEN, 2000, p. 173).

humana que manifesta o caráter vivo da linguagem. Tanto a linguagem quanto o diálogo fazem parte do modo de ser do ser humano e acontecem enquanto modos de ser.

Com efeito, o desdobramento da linguagem enquanto ontologia aparece como experiência da obra de arte por meio da compreensão. Segundo Luiz Rohden, “do ponto de vista da estética, Gadamer refletiu sobre a experiência da obra de arte que – além de pôr em xeque a verdade hegemônica da tradição, enquanto adequação entre *res e intelecto* – nos afeta, nos coloca diante da totalidade do mundo” (ROHDEN, 2008, p. 25). Isto é, se compreende a obra de arte quando se sai do seu horizonte e deixa que o horizonte da obra de arte fale por ela mesma. Essa afirmativa também é válida para os livros/textos. Com isso, podemos perceber o lado sensível que nos é expresso e apresentado a partir do fenômeno da obra de arte ou dos textos/livros.

A linguagem enquanto ontologia da hermenêutica tecida pelo fio condutor da filosofia gadameriana dar-se-ia com a experiência que o ser humano faz com as coisas universais que estão ao seu alcance. Por isso, “a hermenêutica ontológica concede primazia ao próprio processo de filosofar. [...] O que move e constitui a hermenêutica ontológica são princípios ontológicos que evocam a forma argumentativa” (ROHDEN, 2002, p. 281). Assim, a manifestação da “linguagem no horizonte e enquanto ontologia hermenêutica significa afirmar que ela deve ser pensada como processo vital particular e único, pois, no modo de ser da linguagem (*Sprachlichkeit*) o mundo é constituído e manifestado” (ROHDEN, 2002, p. 256). Torna a linguagem uma experiência hermenêutica do mundo sobre as coisas, pois “a hermenêutica ontológica aparece e se fundamenta no modo de ser da experiência hermenêutica, do jogo, da linguagem, do diálogo” (ROHDEN, 2002, p. 281) e de tudo que pertence a eles.

O processo de compreender é uma experiência hermenêutica porque a compreensão de uma determinada coisa não acontece de maneira simples, mas de acordo com a análise que é feita. O relato de Silva nos diz que, “o fenômeno da compreensão para Gadamer, entendido como a verdadeira experiência hermenêutica” (SILVA, 2014, p. 215) acontece por meio da experiência e compreensão do mundo.

Na obra de arte, por exemplo, é preciso que o intérprete tenha sensibilidade para poder interpretar o que o autor quis expressar com sua arte, e a pessoa que interpreta o texto também tem que saber explicar o que está internamente implícito dentro do texto/livro. “O que então se mostra como o modo de compreender mais elevado e mais íntimo é justamente a compreensão tácita e silenciosa” (GRONDIN, 2012, p. 142). Compreende-se quando atentamente, se “escuta” o que diz na arte e no livro/texto.

O entendimento de uma determinada coisa acontece quando o ser humano deixa que o horizonte da coisa apareça a partir daquilo que ela representa; e a linguagem acontece pelo viés dialógico do homem com as coisas.

A experiência hermenêutica se realiza no modo de ser da linguagem, no acontecer dialógico entre sujeito e objeto, tradição e intérprete, onde o decisivo é que acontece entre sujeito e objeto, tradição e intérprete, onde o decisivo é que acontece algo em relação à consciência e ao objeto [...] a experiência hermenêutica a partir do *medium* da linguagem (ROHDEN, 2002, p. 262 e 263).

A linguagem enquanto temática da ontologia hermenêutica da filosofia gadameriana surge como itinerário percorrido pelo qual acontece a compreensão. Sobretudo, quando Gadamer se refere ao acontecer do fenômeno proporcionado a partir do fio condutor da linguagem. Segundo Grondin, “é a linguagem que constrói e conserva essa orientação comum do mundo” (GRONDIN, 2012, p. 147), isto é, o mundo é compreendido por meio do fenômeno da linguagem com a qual se pode interpretar as coisas presentes nele.

O uso da linguagem não pode ser apenas um enunciado isolado porque surge da necessidade que o ser humano tem de se perceber no mundo enquanto ser que se compreende pelo uso da própria linguagem e que, dessa maneira, se comunica e se relaciona com as coisas existentes. Dessa forma,

se concebermos o fenômeno da linguagem não a partir do enunciado isolado, mas a partir da totalidade de nosso comportamento no mundo, o qual é por sua vez também uma vida em diálogo, poderemos compreender melhor por que o fenômeno da linguagem é enigmático, atrativo e fugidio (GADAMER, 2011, p.233).

A partir do fenômeno da linguagem podemos compreender melhor as coisas que estão inseridas no mundo, porque a própria linguagem aparece enquanto fenômeno da hermenêutica. “Neste sentido afirmamos que a linguagem constitui um princípio ontológico da hermenêutica” (ROHDEN, 2000, p. 548), pois a linguagem possibilita o ser humano perceber e interpretar o mundo e, posteriormente, tudo que nele está. Isso acontece porque “compreender é uma forma de estar em diálogo com o que nos constitui” (BRAIDA, 2021, p. 169); a saber, a forma como o ser humano tem de se colocando em comunicação com os outros.

Segundo afirma Figal, “nós nos movimentamos na linguagem” (FIGAL, 2007, p. 236). Essa movimentação possibilita que o homem interaja com os demais seres humanos e, por conseguinte, se comunique.

De certa maneira, “pela compreensão, nos relacionamos com nossa vida e história, da mesma forma que somos constituídos por elas” (BATISTA, 2015, p. 28), e através dessa

constituição histórica da vida humana, a linguagem está sempre presente atuando enquanto “o meio (não como instrumento, mas como elemento regente) em que a experiência hermenêutica acontece” (VATTIMO, 2019, p. 121).

O ato de compreender permanece no decorrer do tempo, principalmente, porque tudo o que está ao alcance do homem ele buscar saber⁸ o que significa. “Gadamer parte da seguinte ideia: toda vez que buscamos compreender algo, nos questionamos acerca desse, ou seja, formulamos uma pergunta se a coisa em questão é ou não de determinado modo” (SILVA, 2014, p. 219), para que, de algum modo, possamos saber seu real sentido e significado.

De acordo com o pensamento de Gadamer, “o sentido da investigação hermenêutica é revelar o milagre da compreensão e não a misteriosa comunicação entre as almas. Compreender é participar de uma perspectiva comum” (GADAMER, 1998, p. 59). Isso nos mostra o porquê que quem compreende logo pode apresentar o seu horizonte interpretativo, ou seja, a sua experiência (por meio da participação) com as coisas que estão no mundo.

Como sabemos, “a originária humanidade da linguagem significa, portanto, ao mesmo tempo, o originário caráter de linguagem do estar-no-mundo do homem” (GADAMER, 2015, p. 572). Seguindo essa perspectiva argumentativa, a linguagem se torna presente no mundo porque o ser humano, a partir de seu modo de ser, vai compreendendo as coisas no relacionamento com elas, pois o homem tem a necessidade de se comunicar com os demais. Assim, “nosso conhecimento de nós mesmos e do mundo implica sempre linguagem” (ALMEIDA; FLICKINGER; ROHDEN, 2000, p. 185), porque sabemos que ela está presente na vida humana.

Por conseguinte, a ontologia hermenêutica, enquanto evento da compreensão, nos ajuda a esclarecer alguns aspectos que são próprios do ser. Como argumenta Chris Lawn: “a linguagem esclarece aspectos do ser, isto é, torna-a compreensível à consciência humana” (LAWN, 2011, p. 113). Os aspectos hermenêuticos da consciência humana nos ajudam a entender que o ser se torna compreensível por meio do modo de ser, a partir do fenômeno manifestado pela linguagem, ou seja, possuindo uma finalidade.

O evento especulativo da ontologia hermenêutica acontece porque o ser humano faz experiência com as coisas do mundo e, nesse experimentar de cada coisa, é possível encontrar a presença da manifestação da linguagem, ou seja, não podemos fazer as coisas sem

⁸ “Em todos os casos de interpretação e compreensão está em jogo a questão do sentido a ser dado e do conflito entre os sentidos divergentes” (BRAIDA, 2021, p. 75).

antes analisar. Investigar, pois, significa pensar a partir do uso da aplicação linguística, sendo que não podemos viver no mundo sem utilizar a linguagem. Diz Gadamer (2015, p. 576):

[...] a linguagem humana deve ser pensada como um processo vital, específico e único, pelo fato de que no entendimento da linguagem se manifesta o “mundo” [...]. O mundo é o solo comum, não palmilhado por ninguém e reconhecido por todos, que une todos os que falam entre si. Todas as formas da comunidade de vida humana são formas de comunidade de linguagem, e digo mais, elas formam linguagem.

A linguagem faz parte da vida do ser humano como um processo vital, pelo fato de que o homem vive em comunidade, num solo onde todos se comunicam e se reconhecem enquanto seres humanos. Esse reconhecimento de cada pessoa vai acontecendo, sobretudo, por intermédio da experiência. Sendo assim, “o entendimento que se dá na linguagem coloca aquilo sobre o que se discorre diante dos olhos dos que participam” (GADAMER, 2015, p. 576), isto é, dos que se comunicam através da linguagem. Segundo Grondin (2012, p. 77),

[...] a linguagem é a luz do próprio ser [...] o mundo que eu entendo é sempre um mundo orientado para a linguagem [...]. Tudo o que pode ser entendido é ser que se articula em linguagem. Quando tento entender o que é determinada coisa, busco um ser que já é linguagem e que pode, então, ser entendido.

Por isso que a linguagem é ontológica e pode ser entendida através da hermenêutica enquanto forma de compreender o mundo. Sendo assim, a linguagem articula o estar-no-mundo do ser humano, presente nas coisas que podem ser interpretadas e compreendidas. A “compreensão ocorre por meio da linguagem” (SCHMIDT, 2014, p. 169), e a linguagem é o fio condutor que tece o modo de ser do ser humano, ou seja, um dos meios que o homem tem para se comunicar.

Segundo Rohden, “a linguagem, que é uma acepção de mundo, acontece como uma experiência do mundo, que é uma experiência ontológica e que se constitui a ontologia hermenêutica” (ROHDEN, 2002, p. 255), porque, enquanto ontologia hermenêutica, ela dá possibilidade para o ser humano compreender as coisas que, estão presentes, no mundo da vida.

É perceptível que “a hermenêutica ontológica aparece e se fundamenta no modo de ser da experiência, do jogo, do círculo, da linguagem, do diálogo” (ROHDEN, 2002, p. 281). O fato de que a hermenêutica está presente enquanto ontologia não quer dizer que seria criada outra ontologia diferenciada. Entretanto, podemos dizer que é pelo fator da finitude humana apresentada, principalmente, no que se referente às coisas existentes. Isto é, o ser

humano existe e se comunica por meio da linguagem em contato com os objetos finitos. Por isso, é possível refletir à luz do contato com eles.

Segundo Gadamer (2015, p. 178),

em todos os nossos pensamentos e conhecimentos sempre já fomos precedidos pela interpretação do mundo feita na linguagem, e essa progressiva integração no mundo chama-se *crescer*. Nesse sentido, a linguagem representa o verdadeiro vestígio de nossa finitude. A linguagem já sempre nos ultrapassou. O parâmetro para medir seu ser não é a consciência do indivíduo. Não existe consciência individual que pudesse conter sua linguagem. Mas como existe então a linguagem? (GADAMER, 2015, p. 178).

Com efeito, o pensamento humano pode preceder uma interpretação do mundo da linguagem. Por isso que o caráter da linguagem é de fato o fenômeno do acontecer que se dá através da experiência do homem com o mundo. E, por meio da linguagem, percebemos a finitude humana, ou seja, quando o ser humano não existe mais enquanto matéria física, não há mais linguagem nele. Ele existirá somente pela lembrança que vive na memória dos demais que fizeram parte da sua vida.

É elucidativa a questão de que a linguagem faz parte da vida humana. Sem ela, o homem teria, provavelmente, dificuldade para se comunicar, mesmo que ele desenvolvesse outras formas. A linguagem é o elemento mais importante para a compreensão que o ser humano faz diariamente, não enquanto ferramenta, mas enquanto meio.

Segundo Günter Figal, “a linguagem não é nenhum instrumento que algo exterior torna disponível, mas algo que pertence ao homem como a mão e os olhos” (FIGAL, 2007, p. 234). Independentemente da forma como cada um usa a linguagem, é indispensável na vida de cada pessoa humana para haver comunicação, como precisa dos olhos para enxergar e das mãos para tocar as coisas.

A linguagem, então também proporciona na vida do ser humano um experimentar das coisas, da mesma maneira como as mãos e os olhos. Por isso que “é a linguagem que constrói e conserva essa orientação comum no mundo” (GRONDIN, 2012, p. 147), isto é, que mantém esse ordenamento organizado.

De acordo com afirmativa de Rohden, “o filosofar gadameriano está às voltas com o *ser* ou a *ideia* ao compreender e conceitualizar o sentido enquanto razão e motivação última de ser das coisas no *medium* da linguagem (dialógica e circular). Podemos até dizer que *ideia que pode ser compreendida, é linguagem*” (ROHDEN, 2018, p. 189). Nesse intuito, perceber as coisas no mundo por meio da ontologia hermenêutica. Isso, porque, pelo *medium* da linguagem, o ser humano apresenta a sua maneira de compreender as coisas e de se

comunicar. Em vista disso, “a linguagem não é mais agora nenhuma atividade, mas ela é – exatamente como para Gadamer – um acontecimento” (FIGAL, 2007, p. 237), um evento que acontece enquanto fenômeno ontológico da hermenêutica; um modo de ser, de compreender.

Para Gadamer, a linguagem, além de estar presente enquanto fenômeno do acontecer, possibilita a compreensão, isto é, “o processo do entendimento entre os seres humanos” (GADAMER, 2011, p. 216) que, de certa maneira, pode acontecer pelo fio condutor que norteia a linguagem enquanto modo de compreensão do homem. Desse modo,

a questão da compreensão assim discutida consiste na simples evidência interna da compreensão, que aparece inesperadamente quando, por exemplo, compreende-se repentinamente o contexto de uma frase, ou o enunciado de alguém, pronunciado em determinada situação. A questão refere-se, pois, ao momento em que fica claro e evidente com que razão o outro diz o que diz, ou se diz sem ter razão (GADAMER, 2011, p. 217).

Na questão dialógica, pode-se compreender o que se disse por razão ou afirmar que aconteceu uma ação racionalizada. A linguagem é, por fim, um meio importante para que a compreensão humana aconteça com eficácia. Nesse caso, é o modo próprio como foi compreendido, a partir do proposto pelo enunciado dado.

O poder que é um compreender sempre possui o caráter de uma capacidade *passível de ser adquirida*; ninguém diria que compreende como as coisas funcionam no âmbito da visão ou da escuta. Além disto, quando se fala de compreensão no sentido de capacidades, o que se tem em vista não são simplesmente essas capacidades. Ao contrário, o que é acentuado de uma maneira peculiar é muito mais a circunstância de as dominarmos; nós compreendemos como algo funciona em certo âmbito (nós entendemos de algo), ou seja, nós dominamos realmente ou de uma maneira particularmente boa. O que está em questão aqui, não somos nós, mas aquilo que podemos fazer (FIGAL, 2007, p. 115).

Por meio da compreensão, torna-se possível conceber o verdadeiro sentido das coisas, porque, com isso, podemos “controlar” o que foi compreendido, sendo que o que está em jogo é a forma como o ser humano faz para poder compreender⁹ uma determinada coisa/objeto.

Com efeito, no processo da compreensão podemos identificar o “caráter mais originário da linguagem, indicando que ela é base ontológica para tudo o que é compreensível e passível de ser expresso” (MERTENS-KAHLMEYER, 2017, p. 127). Sendo assim, identificamos que a linguagem possibilita e abarca a forma com a qual o ser humano vai compreendendo as coisas.

⁹ Compreender significa deslocar, ou melhor, deslocar o horizonte de compreensão ao outro sem suprimir o próprio mundo.

A tese gadameriana “o ser que pode ser compreendido é linguagem” (GADAMER, 2015, p. 612), nos faz perceber o quanto a linguagem é fundante, enquanto ontologia hermenêutica. Ou seja, é por meio da linguagem que o homem pode se manifestar e, por conseguinte, adquirir formas plausíveis de compreender o mundo. Nesse sentido, a palavra “meio” pode ser entendida enquanto *medium*, porque “*medium*, para o que Gadamer aqui se propõe, não deve ser compreendido como meio (*Mittel*) no sentido instrumental, mas como (*Mitte*) no sentido de lugar, espaço, meio ambiente, circunstância, centro, modo de algo ser e realizar-se” (ROHDEN, 2000, p. 160).

Grondin (2012, p.77) afirma:

Segundo Gadamer, o mundo que eu entendo é sempre um mundo orientado para a linguagem. O mundo se apresenta a mim “em linguagem”. Sempre, essa parede, esse médico, essa angústia não se oferecem inicialmente ao meu olhar como realidades físicas às quais acrescentarei depois designações. Não. O que vejo não são uma parede, uma casa, e é uma angústia que me estrangula. Tudo o que pode ser entendido é um ser que se articula na linguagem.

O fato que é demonstrado a partir da coisa física é compreendido enquanto e a partir da linguagem, porque ela dá o sentido e o significado de tal coisa em si, não apenas como objeto físico, mas, sobretudo, pelo fator compreendido à luz do fenômeno ontológico da hermenêutica. Principalmente, por causa da articulação da linguagem; a saber, a forma como ela propicia ao ser humano manifestar-se a partir de seu modo de ser no mundo.

Segundo Luiz Rohden, “é com e por meio da linguagem que as pessoas criam e adaptam-se ao mundo. Aqui se inscreve a atividade intrínseca da hermenêutica filosófica, isto é, de explicar “hábitos” linguísticos inerentes à linguagem” (ALMEIDA; FLICKINGE; ROHDEN, 2000, p. 193). Por isso que a linguagem vive presente no mundo e faz parte da vida humana. Sem ela, a comunicação provavelmente não aconteceria da forma como acontece ou talvez não tivesse a mesma eficácia.

Sendo assim, “a linguagem, que é uma acepção do mundo, acontece como uma experiência do mundo, que é uma experiência ontológica e que constitui a ontologia hermenêutica” (ROHDEN, 2002, p. 255). Dessa maneira, por meio da linguagem podemos compreender o mundo, o ser humano e, posteriormente, as coisas existentes no mundo, enquanto objetos físicos.

4 LINGUISTICIDADE (*SPRACHLICHKEIT*) DIALÓGICA: UMA PROPOSTA HERMENÊUTICA

A linguagem é o tema central que tece a terceira parte de *Verdade e Método*, assim como nos apresenta o pensador alemão Hans-Georg Gadamer (2015). Nessa parte podemos entender qual é a proposta do autor quando ele enaltece a hermenêutica – não enquanto apenas uma simples forma de interpretação textual – e apresenta a linguagem e o diálogo como força que o ser humano tem para seu modo de ser, de se comunicar e de se manifestar no mundo – para, então, compreendê-lo –.

Gadamer nos propôs uma reflexão hermenêutica filosófica enquanto linguagem dialógica, referente àquilo que o ser humano encontra nas mais diversificadas formas de compreensão que estão presentes no mundo. Sendo assim, podemos afirmar que a linguagem no modo de ser do ser humano também acontece por meio da prática. Quer dizer que, possivelmente, tudo o que o homem entende passando por um processo de interpretação e compreensão das coisas existentes – ele tentará colocar em prática.

4.1 Linguagem e diálogo enquanto *práxis* ontológica do ser humano

O traço filosófico hermenêutico da linguagem acontece por meio do diálogo, pelo fato de ambos estarem imbricados entre si. Para Gadamer, a linguagem em si já acontece enquanto diálogo e, pelo seu *medium*, o ser humano se manifesta e se comunica com as coisas que pertencem ao mundo. Por isso, uma relação constante com essa forma prática para o processo de interpretação/compreensão. Isso ocorre porque quem está presente no mundo observa todas as coisas que também estão nele.

Com efeito, a hermenêutica filosófica gadameriana nos leva a refletir sobre a importância que a linguagem tem enquanto *medium* universal interpretativo no mundo. De acordo com a afirmativa de Gadamer, “é a linguagem que constrói e conserva essa orientação comum no mundo” (GADAMER, 2011, p. 220). Isso se daria porque a linguagem é pertencente ao sujeito pensante que está no mundo. E é somente por meio da linguagem que o ser humano é capaz de se manifestar através do diálogo.

Não obstante, a capacidade para o diálogo é um atributo natural do ser humano. Aristóteles denominou o ser humano como o ser que possui linguagem e só existe linguagem no diálogo. Ainda que a linguagem seja codificável e tenha uma relativa fixação no dicionário, na gramática, na literatura – a sua própria validade, o seu envelhecimento e a sua renovação, o seu deterioramento e o seu aperfeiçoamento até às formas mais elaboradas de estilo de arte literária, tudo vive do intercâmbio

dinâmico daqueles que falam com os outros. A linguagem, só existe no diálogo (ALMEIDA; FLICKINGER; ROHDEN, 2000, p. 130).

Sabe-se que o diálogo é um atributo natural para o humano porque lhe dá capacidade para se comunicar com as demais pessoas. Aristóteles denominou o homem como um ser dotado de linguagem e, dessa forma, a linguagem se faz existente em intercâmbio com o diálogo, por isso, mesmo que o passar dos anos faça a linguagem “envelhecer”, há também um processo contínuo de renovação.

A linguagem e o diálogo só existem quando estão conectados entre si. Nesse caso, mesmo com o passar dos anos, mesmo que a linguagem vá se aperfeiçoando, ela jamais perde a sua capacidade de se manifestar através do diálogo. Assim, a linguagem vive na interação entre aqueles que podem se comunicar.

De acordo com Günter Figal, “é bom aproveitar a possibilidade aberta pela linguagem”, pelo fato de que ela é elucidativa. Principalmente, quando se trata do diálogo constituído a partir do fenômeno hermenêutico da linguagem. Essa afirmativa do autor nos leva a acreditar que a linguagem possibilita e ajuda o ser humano no processo de compreensão do mundo da vida¹⁰. Esse manifestar-se no mundo acontece no seio da compreensão apresentada pela linguagem dialógica da filosofia gadameriana.

Para Figal (2007, p. 53),

[...] fica evidente por que expressões linguísticas em geral precisam ser elucidadas: elas só possuem significação e são experienciáveis significativamente porque são aplicáveis em mais do que em uma situação. A generalidade pertence à essência da linguagem. Aquilo que pode ser dito não pertence a ninguém; nenhuma palavra está ligada apenas a uma pessoa. É somente porque algo não pode ser dito apenas uma vez e em relação a uma pessoa que há linguagem, assim como um mundo compartilhado e comunicável na linguagem.

A questão apresentada por Günter Figal de que as “expressões linguísticas” precisam ser elucidadas, nos faz pensar que a linguagem tem seu próprio caráter de ser através da experiência do ser humano com as coisas do mundo, porque, por meio dessa experiência, o ser humano pode colocar em prática tudo aquilo que ele aprende no determinado lugar no qual está inserido ou no qual deseja se inserir.

Entender o que se pode ser dito implica geralmente numa aplicação propiciada por meio da interpretação/compreensão. Nesse caso, o ato de compreender requer a ligação entre a palavra que pode ser dita e a outra que pode ser explicada. “Dessa forma, Compreender

¹⁰ Esse termo, “mundo da vida”, é trabalhado de maneira particular pelo filósofo Edmund Husserl.

(*Verstehen*), para Gadamer, significa sempre um entender-se (*Verständigung*)” (SILVA, 2014, p. 210), isto é, uma maneira que o ser humano possui para se comunicar e interpretar.

Como sabemos a palavra não pertence de maneira exclusiva apenas a uma pessoa, ela pode tornar-se compartilhada quando comunicada. Assim, “compreender é uma forma de estar em diálogo com o que nos constitui” (BRAIDA, 2021, p. 169). Trata-se não de prender a palavra em si mesma, mas, sobretudo, de compartilhar, porque o que constitui o homem é a linguagem: “toda nossa compreensão parte desses sentidos já dados e compartilhados” (SILVA, 2014, p. 209). Compartilhar aquilo que se sabe é, de certa maneira, um estar se relacionando com os demais seres que pertencem e que estão presentes no mundo.

Por conseguinte, o ser da linguagem no mundo acontece enquanto modo de ser, ou seja, como cada um pode se manifestar, se comportar, se comunicar porque o *ser* do ser humano está presente no mundo e, por isso, pode pertencer a uma comunidade¹¹ linguística humana, sobretudo, uma comunidade na qual cada ser humano pode se tornar visível pelo *medium* de sua linguagem. Dessa forma, cada ser que está inserido ou que faz parte de uma comunidade humana é um ser construído linguisticamente.

Para Gadamer, “o *ser* que pode ser compreendido é linguagem” (GADAMER, 2015, p. 612). Esse *ser*, que pode ser compreendido na e pela linguagem, manifesta-se através de uma prática humana¹², ou seja, através de como ele se comunica, porque a comunicação pertence diretamente ao ser humano. Segundo Viviane Araújo Pereira, “a compreensão possui uma dimensão ontológica no que diz respeito ao ser da linguagem, e uma dimensão prática, que está ligada aos efeitos de nossa compreensão sobre o outro, ou melhor, ao modo como nos comportamos com relação ao outro” (PEREIRA, 2015, p. 28) e como podemos compreender por meio de uma prática o outro na diferença com o eu.

Nessa perspectiva, entende-se, pois, que o ser da linguagem também dá através da *práxis* humana. Essa *práxis* seria tudo aquilo que o ser humano vai interpretando/compreendendo no percurso de sua vida, no que se refere a sua relação com as coisas e com os outros seres humanos que estão presentes, fazendo assim, parte do mesmo mundo.

Só quem pode se comunicar e se compreender é aquele que está é percebido. Ser percebido no mundo é, de alguma forma, ser percebido por meio da linguagem, sobretudo,

¹¹ Todas as formas de comunidade humana são formas de comunidade linguística, mas formam linguagem, uma vez que a linguagem é essencialmente a linguagem do diálogo. Por isso, a não pode ser reduzida a um mero entendimento o próprio mundo que se apresenta a nós na vida comum (OLIVEIRA, 1996, p. 239-239).

¹² Como nos ensina o termo *práxis*, o ser humano já se encontra em uma situação, na qual é impelido a agir, mas a sua caracterização como alguém que pode agir em direção de uma melhor realização de sua vida se dá justamente ante a chance de fazer uma *escolha previa* entre possibilidades (PEREIRA, 2015, p. 55).

pelo processo histórico, porque só se pode perceber algo que de fato aconteceu ou que pertenceu ao mundo. Assim, podemos perceber que “é na linguagem e por meio dela que criamos e nos adaptamos ao mundo” (ROHDEN, 2002, p. 247), posteriormente, nos engajando em algum lugar como, por exemplo, numa comunidade humana.

Segundo Viviane Pereira (2015, p. 166):

O ser que pode ser compreendido precisa ser buscado, pela simples razão de que, ao contrário, sentidos, valores, conteúdos de um modo geral que dizem respeito aos seres humanos, seriam perdidos. [...] o ser, que pode ser compreendido, por fazer parte da história humana, está na linguagem. Esse ser não nos é plenamente acessível por causa de nossa condição finita, de sofrermos apenas certos efeitos da história e ainda de somente nos tornarmos conscientes de alguns dentre estes efeitos, mas não porque ele não possa ser compreendido.

O ser compreendido por meio da linguagem está relacionado a tudo aquilo que o homem faz e ao fato de que ele é pertencente à história. Não teríamos como pertencer ao nada; somos seres históricos. “Para Gadamer, não é a história que nos pertence, na verdade somos nós que pertencemos a ela” (OLIVEIRA, 1996, p. 232), porque através dela nos compreendemos e nos inserimos no mundo. No entanto, a finitude¹³ humana e o próprio processo histórico não permitem que o homem acesse totalmente o ser em si. A linguagem, por outro lado, permite compreender por meio do modo ser, ou seja, pela maneira como a pessoa humana se comporta no mundo.

Entende-se, pois, que

o ser que pode ser compreendido é linguagem. De certo modo, o fenômeno hermenêutico devolve aqui a sua própria universalidade à constituição ontológica do compreendido, na medida em que a determina, num sentido universal, como *linguagem*, e determina sua própria referência ao ente como interpretação. Por isso, não falamos somente da natureza de uma linguagem da arte, mas também de uma linguagem da natureza, e inclusive de uma linguagem que as coisas exercem (GADAMER, 2015, p. 612).

Compreende-se, pelo *medium* da linguagem, que ela não é apenas uma simples forma de compreensão, principalmente, porque a linguagem é um fenômeno¹⁴ da hermenêutica filosófica, e ela se manifesta enquanto uma constituição universal do ente do homem, isto é, de seu modo de ser e de estar presente no mundo. Em outras palavras: a

¹³ Em todo nosso pensar e conhecer somos já sempre parciais devido à interpretação linguística do mundo. Nesse ponto, a linguagem é a marca propriamente dita de nossa finitude. Que se encontra, já sempre, para além de nós. A consciência do indivíduo não é a régua na qual o seu ser pode ser medido (ALMEIDA; FLICKINGER; ROHDEM, 2000, p. 122).

¹⁴ O que constitui verdadeiramente o fenômeno hermenêutico originário é que não existe nenhum enunciado que não possa ser compreendido como resposta a uma pergunta, e é só assim que ele pode realmente ser compreendido (GRONDIN, 2012, p. 131).

linguagem se manifesta como uma forma ontológica de ser compreendida. “Daí por que a linguagem emerge como um horizonte intranscendível da ontologia hermenêutica” (OLIVEIRA, 1996, p. 232). Dessa forma, “o modo de ser especulativo da linguagem demonstra com isso seu significado ontológico universal” (GADAMER, 2015, p. 613), isto é, de que a linguagem está ligada com a maneira de compreensão das coisas pertencentes ao mundo pelo ser humano. Logo, tudo que é acessível ao homem é passível de entendimento.

Agora já não é mais uma simples linguagem apresentada através da arte, mas também por meio de uma linguagem da natureza das coisas pertencentes, que estão presentes no mundo, exercendo de certa maneira uma função. As coisas não estão simplesmente por estar, mas principalmente, porque possuem uma finalidade. Isso significa que na própria linguagem, como afirma Viviane Pereira: “manifesta-se a oportunidade de compreendermos as coisas como elas são” (PEREIRA, 2015, p. 166). Portanto, a linguagem, além de ser modo de ser do ser humano, contribui para a compreensão do homem a partir de sua relação com as coisas no mundo.

É perceptível que o ser que pode ser compreendido possui a sua universalidade e, dessa maneira, dar-se-ia enquanto um fenômeno que pode ser interpretado pela ótica da hermenêutica filosófica, “que retrata e justifica uma concepção de metafísica” (ROHDEN, 2002, p. 254). Essa justificativa metafísica acontece porque a linguagem é compreendida como modo de ser, de se relacionar, de estar presente, com todas as coisas que o ser humano se relaciona.

De certo modo,

o ser que pode ser compreendido, passa a *ser* apenas quando se torna linguagem. Por outras palavras, o ser torna-se realidade na medida em que se corporifica linguisticamente; de outro modo não passa de uma ideia vaga, abstrata, uma *ideia* apenas. Isto, contudo, não quer dizer que a idealidade constitua uma outra forma de realidade (ROHDEN, 2000, p. 546).

O *ser* só se torna ser quando ele passa a ser o *ser* pelo *medium* da linguagem. Neste caso, ele proporciona uma realidade estabelecida pela própria linguisticidade do homem. Em outras palavras, uma corporificação que pode ser estabelecida pelo ser humano. Sem isso, seria apenas uma ideia simples, incapaz de proporcionar algo mais concreto, um espaço vazio, ou seja, que não possui uma finalidade.

O pensamento gadameriano acerca da linguagem nos leva a perceber que ela está direcionada para o diálogo, porque a linguagem versa-se inteiramente enquanto diálogo, pois o modo de ser do ser humano acontece também por meio da comunicação linguística aplicada

pelo homem. Essa comunicação linguística acontece por meio de tudo aquilo que o ser humano pode utilizar enquanto auxílio para a compreensão das coisas no mundo.

Sendo assim, manifestar-se pelo *medium* ontológico hermenêutico da linguagem é manter-se em um constante diálogo. E, dialogicamente¹⁵ falando, o ser da linguagem, além de ser compreensão, também pode ser tido enquanto ser que possui comunicação.

É no *medium* da linguagem que ocorre toda a nossa experiência do mundo, e a consciência do limite da linguagem é consciência também de nossa temporalidade; por isso a hermenêutica filosófica estrutura-se como ontologia e metafísica da finitude. Nesta concepção de metafísica, a linguagem não pode ser suprassumida ou eliminada, mas deve ser ampliada, por conter a tensão entre o finito e o infinito, entre nossa fome de pão e de sentido (ROHDEM, 2002, p. 259-260).

Essa realização da linguagem ocorrida por meio da experiência humana no mundo proporciona ao homem conhecer os limites da consciência da linguagem no tempo. Nesse intuito é que se estrutura a hermenêutica filosófica enquanto uma ontologia, isto é, uma metafísica da finitude. Mas, isso não pode suprimir a linguagem, pelo contrário, deve ampliar seu horizonte de compreensão.

Dado isso, nota-se que a linguagem é especulativa pelo fato de que ela possui uma ontologia¹⁶ e se direciona para o universal da compreensão. Isso é perceptível porque, por meio do diálogo, manifesta-se a fala, ou seja, a comunicação através da palavra. Por isso, aquilo que é perceptível enquanto ontologia hermenêutica pode ser dito.

O modo de ser especulativo da linguagem demonstra com isso seu significado ontológico universal. O que vem a fala é, naturalmente, algo diferente da própria palavra falada. Mas a palavra só é palavra em virtude do que nela vem à fala. Só se faz presente em seu próprio ser sensível para subsumir-se no que é dito. Inversamente, também o que vem à fala não é algo dado de antemão, e desprovido de fala, mas recebe na palavra sua própria determinação (GADAMER, 2015, p. 613).

Dado o exposto, a universalidade apresentada pela hermenêutica filosófica gadameriana é, de fato, o manifestar-se linguisticamente do ser humano no mundo. Em vista disso, as ações humanas acontecem enquanto fenômeno comunicativo. Isto é, o modo de ser do ser humano perpassa a comunicação, porque a “atividade hermenêutica de interpretação

¹⁵ “[...] se podemos falar de uma universalidade e de uma racionalidade dialógica da linguagem, para designar sua abertura a todo sentido que se possa ser entendido, é porque a linguagem é a luz do próprio ser” (GRONDIN, 2012, p. 77).

¹⁶ “E, embora possa soar um pouco estranho, aqui, metafísica e ontologia convertem-se no sentido de que concedemos à primeira o caráter argumentativo, discursivo do filosofar que desemboca, necessariamente, numa postura, num modo de ser” [...] (ROHDEN, 2016, p. 549). Aqui, nota-se o convertimento da metafísica e da ontologia enquanto linguagem, ou seja, ambas são pertencentes ao ser humano e estão no mundo de maneira argumentativa.

ocorre na linguagem” (SCHMIDT, 2014, p. 170). Logo, o comunicar é linguagem, e a linguagem é interpretação/compreensão. Sendo assim, a linguagem pode ser utilizada pelo ser humano.

Por conseguinte, percebe-se, pois, que o *ser que pode ser compreendido* é ser que acontece enquanto linguagem. Desse modo, o ser da linguagem se dá como ser que pode ser percebido no mundo. Por isso, torna-se “uma hermenêutica universal que atinge a relação geral do homem com o mundo” (GADAMER, 2015, p. 614). Assim, o ser da linguagem também pode ser entendido como ser que se articula por meio da compreensão.

Compreender, pois, pelo *medium* da linguagem, também significa entender que o ser no mundo possui a sua finitude. Nota-se que o ser humano a partir de sua historicidade, pode entender um pouco a sua essência, não apenas por ser esse ser pensante que se comunica, mas também porque a história ajuda na constituição do indivíduo humano. Segundo Viviane Pereira (2015, p. 29):

Como indivíduos, temos história e linguagem, mas isso só é possível na medida em que há, em um nível não completamente determinado por nós, algo com uma história e uma linguagem *comuns*. Enquanto Hegel queria converter toda substancialidade em subjetividade e transformar toda subjetividade em objeto. Gadamer fez o inverso. Ele tentou mostrar que em toda subjetividade há uma substancialidade (história, linguagem, tradição) que a determina, isto é, diante da qual somos finitos.

A historicidade humana dá possibilidade ao ser humano de se manifestar no mundo a partir da linguagem e, posteriormente, através da tradição. Isso difere a subjetividade apresentada por Gadamer da subjetividade apresentada por Hegel. Para Gadamer, essa subjetividade representa a finitude humana, por meio da linguagem, da história e da tradição. Já para Hegel, essa subjetividade é objeto.

Neste intuito, o relato gadameriano nos informa sobre o caráter do acontecer da linguagem:

Quando partimos do caráter de linguagem da compreensão, sublinhamos, antes, a finitude do acontecer que se dá na linguagem, onde se concretiza em cada caso a compreensão. A linguagem que as coisas exercem, sejam elas quais forem, não é *logos ousias* e não alcança a sua plena realização na autointuição de um intelecto infinito; ela é linguagem que nossa essência histórica finita assume quando aprendemos a falar (GADAMER, 2015, p. 614).

Por meio dessa cunhagem de linguagem enquanto forma de interpretação/compreensão do ser no mundo, percebe-se que “são formas de concepção que se desdobram como formas da experiência hermenêutica a partir do ser universal do ser

hermenêutico” (GADAMER, 2015, p. 614). Assim, fica evidente que o ser, enquanto ser que se compreende, desdobra-se no mundo da compreensão humana pelo seu modo de ser. O *ser* hermenêutico é o *ser* enquanto ser e que pode ser dado a partir daquilo que pode ser interpretado/compreendido.

Evidencia-se, pois, que tudo o que entendemos como ser da linguagem se constitui no seio do diálogo, porque a linguagem e o diálogo estão imbricados entre si. Os dois não caminham separadamente, eles percorrem o mesmo caminho, que vão construindo, lado a lado. Por isso, a linguagem é diálogo e vice-versa. Para Gadamer, “nos aproximamos mais da linguagem quando pensamos no diálogo” (GADAMER, 2012, p. 119). Assim, pensar a linguagem é pensar, sobretudo, numa maneira dialógica de estar em contanto com o outro.

Com uma abordagem direcionada sobre a linguagem, podemos afirmar que ela tem seu próprio caráter ontológico no mundo. Por isso, é elucidativo destacar que:

Somente compreendemos porque somos em meio a linguagem, tudo o que compreendemos, por sua vez, também é linguagem e não há linguagem sem compreensão. A linguagem é o que possibilita a existência de uma unidade entre ser humano e mundo, entre pensamento e coisa, entre sujeito e objeto. Ela é aquilo que possuímos *em comum* com o mundo, com a tradição, com as coisas, com os outros. Sem ela não podem haver sentidos a serem compreendidos (PEREIRA, 2015, p. 168-169).

A linguagem não é simplesmente uma “coisa” do ser homem. Além do modo de ser do ser humano, ela também é uma forma de interpretação/compreensão. Graças ao *medium* da linguagem, o ser humano é capacitado para compreender sobre a sua existência de ser no mundo, pois a linguagem está no meio de tudo o que o homem pode interpretar/compreender.

Tudo aquilo que a linguagem possibilita ao ser humano deve estar em comum com o mundo. Decerto não poderíamos pensar numa linguagem separadamente do homem com o mundo. Ela faz parte da vida humana, principalmente, no referente ao seu contexto histórico. Assim o seu verdadeiro sentido de compreensão pode ser percebido.

A tese *o ser que pode ser compreendido é linguagem* (GADAMER, 2015, p. 612), indica que o ser da linguagem está presente no mundo de maneira significativa no enquanto da ontologia hermenêutica filosófica. Segundo Luiz Rohden, “esta afirmação é central, resume e explica a concepção hermenêutica filosófica enquanto ontologia hermenêutica” (ROHDEN, 2002, p. 265). Neste caso, uma hermenêutica filosófica que interpreta/compreende e explica o modo de ser da linguagem.

Certamente, a tese gadameriana nos faz entender que a linguagem, além de ser o modo de ser humano, é também a parte central tecida por Gadamer na sua obra *magna, Verdade e Método*, para expressar de forma adequada o que o autor apresenta sobre a hermenêutica filosófica; a saber, que a hermenêutica filosófica é o evento do acontecer tecido pelo fio condutor da linguagem.

De acordo com Viviane Pereira (2015, p. 175):

Quando Gadamer disse que “*o ser que pode ser compreendido é linguagem*” ele admitiu que a sua hermenêutica é uma filosofia do ser, não do ser metafísico, mas do ser da linguagem, da história, da tradição. Desse modo, a verdade que Gadamer quis destacar, com sua obra *Verdade e Método*, foi aquela ligada a experiência humanístico-histórica que fazemos a cada instante que somos no mundo, e que não pode ser ensinada e nem guiada por um padrão, senão vivida.

O ser da linguagem é um ser hermenêutico, ou seja, um ser que pode ser compreendido e, por isso, faz parte da tradição histórica. Esse *ser* da linguagem não é o mesmo ser do ser metafísico. Ele é, sobretudo, o *ser* que é percebido no mundo, porque ele está presente no mundo e, por isso, pode ser compreendido. Dessa maneira, esse ser acontece pelo *medium* da linguagem, destacado enquanto *ser* compreendido no mundo, principalmente a partir da hermenêutica filosófica.

Poderíamos dizer que o *ser que pode ser compreendido*, segundo a tese gadameriana, nos é possibilitado por meio da linguagem. Nesse caso, ele nos é acessível através de uma ontologia hermenêutica, capaz de mostrar que a linguagem acontece enquanto uma compreensão das coisas do mundo, mesmo que isso possa causar um certo estranhamento.

Em outros termos, há cada vez “ser” que pode ser compreendido e todo ele nos é acessível em forma de linguagem. Entretanto, não temos temporalmente e historicamente condições de apanhá-lo, seja por meio de resquícios do passado, de fatos do presente, de nossas próprias experiências ou do autoconhecimento. Que a linguagem tenha um caráter ontológico quer dizer: não podemos pensa-la sem “fazermos uso” dela. Que não haja pensamento sem linguagem, faz com que ela seja, segundo Gadamer, uma das coisas mais obscuras com a qual a humanidade já se deparou (PEREIRA, 2015, p. 29).

Com isso, percebe-se, que esse *ser* da linguagem é de certa maneira, uma forma com a qual o indivíduo se percebe e é compreendido no mundo. Em linhas gerais, seria uma forma de dizer que o ser enquanto ser que se compreende não pode ser pensado fora da linguagem.

Segundo Grondin, “é bem verdade que vivemos numa linguagem” (GRONDIN, 2012, p. 137) e, por isso, nos manifestamos através dela enquanto ser-no-mundo. Esse *ser que*

poder ser compreendido se dá por meio da linguagem, e fazer parte dessa linguagem é estar em contato com o mundo. Então, trata-se de um processo de constante construção, mesmo em meio às adversidades da compreensão, “e apesar disso, a construção do próprio mundo continua se dando sempre e simultaneamente por meio da linguagem” (GRONDIN, 2012, p. 139). Logo, a linguagem é o aparato fundamental para o ser humano se constituir.

O *ser* da linguagem, apresentado em *Verdade e Método* por Gadamer, é o *ser* que pode ser compreendido. Esse *ser* que se pode compreender acontece pelo *medium* da hermenêutica filosófica. Talvez sem a hermenêutica filosófica esse *ser* da linguagem não se manifestasse no mundo ou não pudesse ser compreendido. Sendo de outra maneira, pode-se apontar “para uma estrutura ontológica universal, a saber, para a constituição fundamental de tudo aquilo a que a compreensão pode se voltar” (GADAMER, 2015, p. 612), ou seja, se a compreensão humana consegue interpretar é porque esse *ser* da linguagem pode ser entendido.

Sobre a tese “*o ser que pode ser compreendido é linguagem*” (GADAMER, 2015, p. 612) acontece também porque o diálogo se dá por meio da compreensão, e ele se dá enquanto linguagem, isto é, o *ser* é presença pelo *medium* da linguagem no mundo, e a linguagem está imbricada com o diálogo. Não seria possível pensar um diálogo fora da linguagem, “uma vez que a linguagem é essencialmente a linguagem do diálogo” (OLIVEIRA, 1996, p. 238) e, com isso, podemos entender que o *ser* acontece inteiramente enquanto linguagem, sobretudo, a partir da hermenêutica filosófica gadameriana. Gadamer afirma que “a linguagem só é em verdade possível em meio ao diálogo, ou seja, na convivência, e é de fato misterioso como ela está em obra aí” (GADAMER, 2012, p. 35). Isso nos mostra que:

Só compreendemos a linguagem do outro no diálogo. Além disso, na medida em que nos distanciamos de nossas próprias convicções para ouvir o que o outro tem a nos dizer, retomamos a chance de compreender de um modo novo, com critérios novos (PEREIRA, 2015, p. 177).

A linguagem e o diálogo estão sempre imbricados, ou seja, ambos possuem a mesma característica que dá o sentido real do ser-no-mundo, de como esse *ser* pode ser compreendido. Cada convicção humana, portanto, seria uma maneira de compreensão do outro com uma nova forma de aplicar critérios, isto é, por meio da linguagem da escuta.

De acordo com Manfredo de Oliveira (1996, p. 245), sobre a tese gadameriana:

O Ser que pode ser compreendido, é linguagem. Isso significa: é assim como ele por si mesmo se apresenta a partir da compreensão. Portanto, o vir-à-palavra não significa receber uma segunda existência, mas pertence ao ser próprio de cada um aquilo enquanto tal ele se apresenta. A linguagem é uma unidade especulativa: trata-se aqui de uma diferenciação em si – ser apresenta-se, uma diferenciação que, contudo, não deve ser diferenciada. Com isso, a forma especulativa de ser da linguagem manifesta sua significação ontológica universal.

De modo geral, refere-se ao que o ser da linguagem tem sua relação especulativa. Isto é, a linguagem se torna uma ontologia universal por causa de seu modo de ser; a saber, interpretação/compreensão. Assim, a linguagem, a partir da filosofia gadameriana, é uma forma da hermenêutica filosófica das coisas em geral, ocupando, dessa maneira, um espaço no mundo no qual o ser humano é pertencente, e onde ele mesmo se constitui.

Seguindo essa esteira argumentativa, “o modo de ser especulativo da linguagem demonstra com isso seu significado ontológico universal” (GADAMER, 2015, p. 613). Isso acontece por causa das coisas que o ser humano pode interpretar/compreender: tudo o que a linguagem pode alcançar enquanto *medium* da hermenêutica filosófica, enquanto evento da compreensão.

Enfim, a linguagem é o *medium* pelo qual o ser humano se constitui e, por isso, ela é importantíssima na vida humana. Principalmente, porque ela é modo de ser do homem. À vista disso, o ser que poder ser compreendido é compreendido por meio da linguagem e do diálogo, presente nas formas com as quais o ser humano se relaciona com o mundo. O ser que se compreende, portanto, atua e se constitui inteiramente através da linguagem e do diálogo.

4.2 A linguagem empregada a partir da *práxis* humana enquanto compreensão do mundo

Ao dar ênfase à linguagem enquanto modo de ser do homem, Gadamer nos aponta seu projeto hermenêutico filosófico; a saber, a busca por uma interpretação/compreensão do ser humano e, daquilo com que ele se relaciona/comunica durante a sua vida, levando sempre em consideração o que a *práxis* lhe proporciona. Nesse ínterim, a linguagem é o *medium* pelo qual o indivíduo se constitui no mundo.

Por conseguinte, o que pode tecer a linguagem da *práxis* humana se encontra na forma pela qual o homem vai se relacionando com as coisas que estão presentes no mundo. Como por exemplo, através do que a estética – a partir da obra de arte – pode nos mostrar. Isso, pois a linguagem exerce de certa maneira, por meio da obra de arte, uma forma de

interpretação/compreensão do mundo, principalmente, quando nos encontramos diante de algo que obra de arte pode nos causar.

Quando estamos diante de uma obra de arte, certamente, vamos nos deparar com a presença implícita que a linguagem pode nos conceder, porque a arte seria uma das formas pelas quais o ser humano pode se expressar e se constituir no mundo e, posteriormente, também pode ser compreendido no percurso da história. “E frente à experiência da arte e da história deparamo-nos com uma hermenêutica universal que atinge a relação geral do homem com o mundo” (GADAMER, 2015, p. 614). Com base nessa afirmativa, percebe-se, pois, que a arte e a história possuem seu valor para o evento da interpretação/compreensão. Segundo Gadamer (2015, p. 615):

É evidente que o ser da obra de arte dar-se em sua representação não é uma determinação específica dela, nem é uma peculiaridade do ser da história ser compreendido em seu significado. Representar-se, ser compreendido, só se implicam mutuamente, no sentido de que uma passa pela à outra, que a obra de arte é uma com sua história efetual, tal como aquilo que é transmitido historicamente é uno como a atualidade de seu ser compreendido – ser especulativo –, distinguir-se de si mesmo, representar-se, ser linguagem que enuncia um sentido [...] na medida em que pode ser compreendido.

De certa forma, a linguagem representada a partir da obra de arte, possui um grande significado, sobretudo, porque ela ajuda no processo de interpretação/compreensão do ser, através da história. Poderíamos dizer que assim o ser se constitui, por meio do que a hermenêutica filosófica da linguagem pode lhe proporcionar; a saber, seu modo próprio de ser no mundo.

Seguindo essa perspectiva, nota-se que o ser da linguagem no mundo, passa a ganhar mais sentido quando um determinado enunciado ou coisa – como uma obra de arte – é compreendido. Isso, porque o ser também está através daquilo que a obra de arte pode transmitir. Dessa maneira, a linguagem expressada a partir da obra arte é uma *práxis* humana, ou seja, foi algo criado pela ação humana e, por isso, as duas são importantes para a compreensão do homem no mundo.

De acordo com Jean Grondin:

Essas coisas óbvias e evidentes se tornam decisivas para a questão que nos ocupa, a saber, a questão em relação a linguagem da arte e da legitimidade do ponto de vista hermenêutico frente à experiência da arte. Toda interpretação do compreensível, que busca auxiliar os outros a compreenderem, tem caráter de linguagem. Nesse sentido, toda experiência de mundo é intermediada pela linguagem e, a partir dessa realidade, define-se um conceito mais amplo de tradição que, como tal, talvez não seja caráter linguístico, mas é passível de interpretação pela linguagem. (GRONDIN, 2012, p. 216).

O pertencer da linguagem por meio da obra de arte surge no intuito de legitimar o ponto de vista hermenêutico filosófico, que se preocupa com o como tornar compreensível uma determinada coisa a partir da experiência humana. Nesse caso, através do que a obra de arte pode nos proporcionar, haja vista que toda interpretação daquilo que é compreensível possui um caráter de linguagem.

Por outro lado, toda interpretação em si é caminho que se abre para o ser compreensível das coisas. Isso, porque as coisas que podem ser compreendidas no mundo acontecem por intermédio da linguagem de uma experiência a partir da interpretação/compreensão, ou seja, a linguagem da *práxis* humana é o caráter linguístico e passível de tudo daquilo que pode ser entendido pelo ser humano.

Na verdade, a linguagem pode revelar as coisas, principalmente, quando se refere ao fato de que ela é o modo de ser do ser humano, porque só quem pode fazer parte da experiência histórica é o ser humano, e ele é quem pode dar significado a todas as coisas. Nesse caso, a hermenêutica filosófica dá legitimidade para o evento da interpretação/compreensão.

Dessa forma, nota-se que a linguagem não é um jogo,

ela é reveladora e, por isto, a significação de toda expressão linguística descerra-se a partir da essência reveladora da linguagem. Uma significação linguística possui, então, tudo aquilo que pertence direta ou indiretamente à essência reveladora da linguagem. [...] Este é um passo ulterior em direção à compreensão da própria linguagem (FIGAL, 2007, p. 262).

Na medida em que cada coisa em si é revelada por meio da linguagem, ela vai recebendo o seu real significado. Isso vale para os objetos que nos são apresentados através da obra de arte, seja ela de qualquer natureza. O que vale ressaltar é o acontecer revelador linguístico a partir de cada coisa, principalmente, quando o ser humano pode interpretar/compreender.

Por conseguinte, a essência reveladora da linguagem ajuda também a demonstrar o ser da *práxis* humana: como cada coisa pertence direta ou indiretamente a tudo que é passível de interpretação/compreensão. A própria compreensão é, em si um passo dado pela linguagem para se chegar ao que se deseja compreender através da hermenêutica filosófica, estabelecendo uma experiência ontológica do ser com as coisas interpretadas/compreendidas no mundo da *práxis* humana.

É neste âmbito que a hermenêutica filosófica se encontra estabelecida. Desta maneira, toda fundamentação teórica ou todo sistema de pensamento não pode, de acordo com Gadamer, negligenciar a experiência ontológica primordial, isto é, o engajamento imediato com o mundo da vida prática, que é anterior a toda e qualquer reflexão e ação. É a práxis a perspectiva comum não somente da hermenêutica, em sua relação com a filosofia prática, mas de todo projeto de pensamento (BATISTA, 2007, p. 66).

Nesse projeto de pensamento, podemos afirmar que a linguagem enquanto *práxis* humana pode conceder ao homem uma maneira de experienciar uma ontologia linguística para a compreensão do mundo da vida. Neste intuito, o projeto gadameriano sobre a linguagem é de que ela é o *medium* pelo qual a constituição humana acontece, ou seja, o modo de ser do homem, a partir de uma dimensão prática da interpretação/compreensão.

Há de se notar que a linguagem atua como “elemento” importante para o processo da interpretação/compreensão do mundo. Ao mesmo tempo, é elucidativo demonstrar que ela se desdobra no contato do ser humano com as coisas que ele se comunica, ou seja, da relação que interpreta/compreende. Nessa perspectiva, a “compreensão e interpretação, mostram-se, assim, como dois momentos inseparáveis no âmbito da comunicação que se faz através da linguagem” (DUQUE-ESTRADA, 2010, p. 52). Tal afirmativa apresenta a linguagem como meio para que esse processo possa acontecer.

À vista disso, pode-se dizer também que a linguagem no evento da compreensão é uma forma que o ser humano utiliza para a realização da sua *práxis*; a saber, a comunicação. Isso nos mostra o quanto à linguagem humana é necessária para esse processo comunicativo do homem. Segundo Gadamer, “construímos permanentemente uma perspectiva geral quando falamos uma linguagem comum e, desta maneira, participamos na comunidade de nossa experiência do mundo” (GADAMER, 1983, p. 75), fazendo também com que cada indivíduo possa ir construindo sua maneira de se comunicar. Da mesma forma, cada ser humano pode se comunicar dentro de uma comunidade linguística humana, exercendo de tal modo, o que a linguagem lhe permite falar e compartilhar.

Sendo assim, “a linguagem filosófica não se esgota em palavras – no dito, no enunciado lógico –, mas se desenvolve por sermos com os outros, que é nosso “estar-no mundo” próprio” (ROHDEN, 2002, p. 291). Ela se refere ao como nos manifestamos e nos relacionamos com os outros seres. Como afirma Gadamer: “a relação humana com o mundo tem caráter de linguagem de modo absoluto, sendo portanto compreensível” (GADAMER, 2015, p. 613). Isto é, a linguagem está, portanto, presente em tudo aquilo que o ser humano pode se utilizar para se relacionar e comunicar com as coisas no mundo, incluindo na filosofia.

Hans-Georg Gadamer, em *Verdade e Método*, de modo especial na sua terceira parte, nos mostra com seu projeto hermenêutico filosófico o quanto a linguagem e o diálogo são fundamentais para o evento da interpretação/compreensão do mundo, e que o *medium* da linguagem, além de ser o modo de ser do ser humano, é o meio pelo qual o homem se constitui no mundo, como ele se comunica, interpreta, compreende, se relaciona ou em outras palavras, como ele está no mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho teórico percorrido a partir da investigação do pensamento hermenêutico filosófico de Hans-Georg Gadamer, sobre a relação entre linguagem e diálogo, nos faz perceber o quanto a interpretação/compreensão contribuem para entender o modo de ser do ser humano e a sua relação com as coisas no mundo. É importante destacar que este trabalho não esgota o tema da linguagem e do diálogo; pelo contrário, ele serve como um estudo alternativo e reflexivo acerca da proposta do projeto hermenêutico filosófico gadameriano para o problema da linguagem.

Para Gadamer, a linguagem é o *medium* pelo qual o homem se constitui (ou como seu modo de ser acontece), e pelo qual o fenômeno da hermenêutica ocorre; a saber, o evento da compreensão. Quando o ser humano tenta compreender uma determinada coisa, ele se articula através da linguagem. Por isso que a linguagem e o diálogo são fundamentais para o entendimento do homem.

Vale ressaltar, que o horizonte hermenêutico da filosofia gadameriana é a linguagem, e é através dela que é possível perceber o ser da manifestação elucidativa do acontecimento da compreensão. Nesse intuito, o horizonte do ser humano, está relacionado com tudo o que é passível de se compreender.

De modo geral, percebemos que o círculo hermenêutico, os preconceitos e a fusão de horizontes são temas que estão relacionados com a proposta gadameriana de demonstrar que a linguagem e o diálogo fazem parte da tradição humana, e eles também estão imbricados entre si, contribuindo no desenvolvimento das capacidades humanas de comunicação dos indivíduos com o mundo.

Além disso, percebe-se que a linguagem acontece por meio da fala e da escrita. E, nesse caso, o caráter dialógico da linguagem é imprescindível para o desenvolvimento da ontologia hermenêutica enquanto ontologia universal, ou seja, que o ser da linguagem aparece de tal modo que possamos interpretar/compreender o mundo, pelo fato de sermos pertencente a ele.

Por conseguinte, destaca-se a linguisticidade dialógica enquanto uma proposta de uma hermenêutica de compreensão da práxis humana. Isto é, uma compreensão de como a ação humana através da comunicação linguística ajuda o homem a se comunicar e a ser um ser-no-mundo um ser que se desenvolve articulando-se pelo *medium* da linguagem e do diálogo, como forma de ontologia. Uma ontologia que esteja acessível enquanto compreensão, e onde a efetivação reflexiva filosófica possa acontecer.

Com todo o itinerário que fizemos durante a pesquisa, percebemos o quanto a linguagem e o diálogo são meios importantes para a compreensão do ser humano a partir de seu modo de ser. Desse modo, acreditamos que o fenômeno da hermenêutica filosófica gadameriana está relacionado ao modo do evento proporcionado a partir da compreensão do homem no mundo. Em vista disso, quem pode interpretar/compreender é o ser humano, porque ele é o único ser capaz de se manifestar e ser compreendido através da linguagem. Como diz Gadamer: “*o ser que pode ser compreendido é linguagem*” (GADAMER, 2015, p. 612). Essa tese do autor alemão nos mostra o quanto a linguagem é presente na vida humana e que por meio dela, o ser humano torna-se quem é: um ser constituído pela linguagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Custódio Luís Silva de; FLICKINGER, Hans-Georg; ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2000.
- ALVES, Rubem. **Do universo à jabuticaba**. São Paulo: Planeta, 2005.
- BATISTA, Gustavo Silvano. Gadamer e o caráter histórico da compreensão. **Ensaio filosóficos**, v. XI, p. 22-30, 2015.
- BATISTA, Gustavo Silvano. Hermenêutica e Práxis em Gadamer. 96 f. **Dissertação** (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.
- BRAIDA, Celso Reni. **Sentido e significatividade: ensaios hermenêuticos**. Guarapuava: Apolodoro Virtual Edições, 2021.
- BLEICHER, Josef. **Hermenêutica contemporânea**. Tradução de Maria Georgina Salgado. Lisboa: Edições 70, 1980.
- DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. Da problemática do método ao método como problema – hermenêutica filosófica e a questão do compreender. **Gragoatá**, n. 29, p. 46-61, 2010.
- FIGAL, Günter. **Oposicionalidade: o elemento hermenêutico filosófico**. Tradução de Marco Antônio Casa Nova. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis, Vozes, 2015.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método II. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis, Vozes, 2011.
- GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em Retrospectiva. Hermenêutica e filosofia prática**. Tradução de Marco Antônio casa Nova. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em Retrospectiva**. Tradução de Marco Antônio casa Nova. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GADAMER, Hans-Georg. **A Razão na época da ciência**. Tradução de Ângela Dias. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Tradução de Paulo Cesar Duque Estrada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- GRONDIN, Jean. **O pensamento de Gadamer**. Tradução de Enio Paulo Giachini. São Paulo: Paulus, 2012.
- GRONDIN, Jean. **Hermenêutica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. Tradução de Benno Dischinger. São Leopoldo, RS: ediUNISSINOS, 1999.

GRONDIN, Jean. **Sources of Hermeneutics**. New York: State University of New York, 1995.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2005.

LAWN, Chris. **Compreender Gadamer**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LOPES, Maria dos Santos Silva; SILVA, Almir Ferreira da. Experiência hermenêutica em Gadamer: a reabilitação dos preconceitos ao conceito de experiência hermenêutica. **Peri**, v. 06, n. 1, p. 1-18, 2014.

MERTENS-KAHLMEYER, Roberto Saraiva. **10 lições sobre Gadamer**. Petrópolis: Vozes, 2017.

OBRIST, Hans Ulrich. **Entrevistas**. Tradução de Diogo Henriques, Beatriz Horta e Daniela Cardeira. Cobogó, 2010. V. 3.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Tradução de Maria Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1969.

PEREIRA, Viviane Magalhães. Sobre a tese “ser que pode ser compreendido é linguagem”: hermenêutica como teoria filosófica. **Cadernos de Filosofia Alemã**, v. 20, n. 2, p. 157-178, 2015.

PEREIRA, Viviane Magalhães. A reabilitação da ética dialética de Platão pela hermenêutica filosófica. **Peri**, v. 09, n. 1, p. 50-63, 2017.

ROHDEN, Luiz. A metafísica repensada a partir da tradição fenomenológico-hermenêutica. **Veritas**, v. 58, p. 309, 2013.

ROHDEN, Luiz. **Filosofar com Gadamer e Platão: hermenêutica filosófica a partir da carta sétima**. São Paulo: Annablume Clássica, 2018.

ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica Filosófica: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

ROHDEN, Luiz. Hermenêutica Filosófica: uma configuração entre a amizade aristotélica e a dialética dialógica. **Síntese**, v. 31, n. 100, p. 191-212, 2004.

ROHDEN, Luiz. **Interfaces da hermenêutica**. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.

ROHDEN, Luiz. O “Círculo hermenêutico” como estrutura, o “Enquanto da hermenêutica filosófica”. **Veritas**, v. 44, n.1, p. 109-131, 1999.

ROHDEN, Luiz. Ser que pode ser compreendido é linguagem: A Ontologia Hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. **Revista Portuguesa de Filosofia**, v. 56, p. 543-557, 2000.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. **Hermenêutica**. Arte e técnica da interpretação. Tradução e apresentação de Celso Reni Braidão. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHMIDT, Lawrence Kennedy. **Hermenêutica**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Renata Ramos da. Compreensão e Linguagem: A reabilitação do Preconceito em Verdade e Método. 2016. 125 f. **Tese** (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, Renata Ramos da. Compreensão e linguagem: o caminho para a reabilitação da tradição no pensamento de Hans-Georg Gadamer. **Synesis**, v. 6, n. 1, p. 205-225, 2014.

VATTIMO, Gianni. A ontologia hermenêutica na filosofia contemporânea. **Pensando – Revista de Filosofia**, v. 10, n. 19, p. 106-127, 2019.

WU, Roberto. A experiência como recuperação do sentido da tradição em Benjamin e Gadamer. **Anos 90**, v. 11, n. 19/20, p. 169-198, 2002.